

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E CULTURA: ASPECTOS DESENVOLVIDOS PELA  
PROFESSORA ALBERTINA BRASIL EM SERGIPE**

**ANA PAULA SOARES LIMA**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE  
NOVEMBRO DE 2012**

**ANA PAULA SOARES LIMA**

**EDUCAÇÃO E CULTURA: ASPECTOS DESENVOLVIDOS PELA  
PROFESSORA ALBERTINA BRASIL EM SERGIPE**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da  
Universidade Federal de Sergipe como pré – requisito à  
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josefa Eliana Souza

**SÃO CRISTÓVÃO – SE**

**NOVEMBRO DE 2012**

## **RESUMO**

Esta pesquisa trata da trajetória de Madre Albertina Brasil Santos e o desenvolvimento de seus projetos dentro e fora do estado de Sergipe. Sendo construída a partir de três momentos: o surgimento da Escola de Serviço Social no Estado, num segundo momento o destaque é dado ao seu envolvimento nos projetos de extensão da Universidade Federal de Sergipe e no terceiro momento o foco é o trabalho desenvolvido com os artistas portadores de deficiência. As fontes utilizadas foram depoimentos de colegas da Madre, fontes documentais consultadas em diferentes acervos e fontes eletrônicas. Os pressupostos teórico – metodológicos relacionam – se a história da educação e ao desenvolvimento da cultura. Espera-se com o mesmo contribuir com o conhecimento acerca de uma personalidade de grande relevância para a história da UFS.

**Palavras – chave:** Cultura - Educação - Escola de Serviço Social - Madre Albertina Brasil Santos - Universidade Federal de Sergipe.

## **ABSTRACT**

This research deals with the history of mother Albertina Brazil Santos and the development of its projects within and outside of the State of Sergipe. Being constructed from three moments: the emergence of the school of Social Service in the State, in a second stage the emphasis is given to their involvement in the projects of extension of Federal University of Sergipe and third focus is the work of artists with disabilities. The sources used were testimonials from colleagues of mother, documentary sources consulted in different collections and electronic sources. The theoretical – methodological concern – is the history of education and culture development. The same is expected to contribute with knowledge about a personality of great importance for the history of the UFS.

**Keywords:** Culture- Education - School of Social work - Madre Albertina Brazil Santos - Federal University of Sergipe.

## AGRADECIMENTOS

Meu Deus nem posso acreditar que acabou! Tu me destes um dos presentes mais lindos que eu poderia receber. Entrar para a UFS sempre foi um sonho e como eu me sinto grata, porque sei que dei o meu melhor em tudo o que fiz. Obrigada Senhor por tudo!

Quero agradecer a minha família por sempre me apoiar e me ajudar em tudo o que for necessário, aos meus amigos que entenderam a minha ausência, já que o motivo era mais do que nobre, mas ao encerrar essa monografia que foi para mim um grande desafio, vejo os meus quase cinco anos de Universidade passarem como um filme e muitas foram as pessoas que contribuíram com o meu crescimento pessoal e acadêmico.

A todos os meus professores que tanto me ensinaram e em especial a professora Daisy Mara Moreira que me ensinou o que é um artigo. Eu nunca vou me esquecer do dia em que sentou – se comigo para explicar o que deveria fazer para transformar o meu trabalho em artigo. Poucas pessoas “perderiam seu tempo” como a senhora fez. Sua simplicidade e atenção ficarão guardadas comigo para sempre.

Bom, se a professora Daisy me ensinou o que era um artigo, a professora Josefa Eliana Souza me ensinou o que é a pesquisa e como eu agradeço por isso! Graças a uma oportunidade que a senhora me deu eu aprendi o significado dessa palavra. Não foi fácil, mas quando a gente faz o que gosta tudo fica mais leve. Eu aprendi a visitar os arquivos, manusear documentos, aprendi a ter mais segurança em meus posicionamentos, enfim aprendi a viver a UFS em sua plenitude. Com certeza, senão fosse à passagem pelo seu grupo de pesquisa eu sairia da UFS mais pobre. Pobre em conhecimento, em postura, em vivências. Muito obrigada!

E é claro a minha amiga, fiel escudeira Cora. “Quanta coisa nós passamos juntas!” Sorrimos, brincamos, choramos, mas aprendemos muito, e sei que continuaremos aprendendo. Esse é só o nosso primeiro passo, porque tenho certeza que muitos outros virão. E a todos os meus colegas que conheci na UFS e que levarei comigo para sempre.

As minhas queridas dona Cândida, dona Elisa e dona Olga, que contribuíram de forma decisiva para a construção do meu trabalho. Senão fossem suas memórias meu texto não teria a vida que tem. Obrigada meninas!

Agradeço também a banca examinadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Anamaria Bueno que com seu olhar criterioso e suas palavras me incentivaram de forma decisiva, tenha certeza que seguirei seus conselhos. Ao Prof<sup>o</sup> Msc. Fábio Alves que mostrou – me de forma precisa o caminho que devo seguir, dando grande contribuição para o meu crescimento como pesquisadora. E a todos os locais que permitiram que eu construísse minha pesquisa: Departamento de Serviço Social (DSS), Biblioteca Central da UFS (BICEN), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), Arquivo Central da UFS, Biblioteca Pública Epifânio Dória e Arquivo Público do Estado. Graças a Deus em todos lugares por quais passei encontrei pessoas disponíveis que tanto me auxiliaram na construção do meu trabalho.

E a professora Albertina Brasil, essa mulher tão especial que ao lerem esse trabalho vão compreender o porquê da minha escolha. Espero ter feito algo a sua altura. Enfim, agradeço a todos que me ajudaram a construir parte de minha história acadêmica fazendo com que a mesma torne – se inesquecível!

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL EM SERGIPE.....</b>	<b>07</b>
<b>1.1 – A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)</b> .....	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO II – MADRE ALBERTINA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA... </b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO III – PROFESSORA ALBERTINA BRASIL E A INCLUSÃO DO</b> <b>ARTISTA PORTADOR DE DEFICIÊNCIA.....</b>	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>60</b>
<b>DEPOIMENTOS.....</b>	<b>65</b>

## **ANEXOS**

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro I – Primeiras alunas da Escola de Serviço Social.....	14
Quadro II – Professores da Escola de Serviço Social no período de 1954 a 1955.....	16
Quadro III – Atividades desenvolvidas no I FASC.....	35

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Madre Albertina Brasil Santos.....	7
Figura 2 – Assinatura de Arnaldo Rollemberg Garcez doando o prédio para a Escola de Serviço Social.....	10
Figura 3 - Prédio da Escola de Serviço Social cedido pelo governador Arnaldo Rollemberg Garcez.....	11
Figura 4 - Notícia sobre o Surgimento da Escola.....	12
Figura 5 - D. Vicente Távora com a primeira turma da Escola de Serviço Social.....	15
Figura 6 – Convite para a inauguração da Escola de Serviço Social.....	17
Figura 7 – Discurso de Madre Albertina Brasil na inauguração da Escola.....	18
Figura 8 – Primeira Conferência ministrada pelo Profº Drº João Cardoso do Nascimento.....	19
Figura 9 – Formatura da primeira turma de Serviço Social.....	22
Figura 10 - Madre Albertina Brasil.....	25
Figura 11 – Portaria nº 79 de 27 de abril de 1972, no qual João Cardoso institui a professora Albertina Brasil como presidente da Comissão Central de Organização e Execução das Comemorações do Sesquicentenário da Independência.....	31
Figura 12 – Reunião da Comissão do Sesquicentenário da Independência.....	33
Figura 13 - Convite de lançamento para o Projeto Festival de Arte de São Cristóvão.....	34
Figura 14 – Reunião da professora Albertina com a assessora do MEC e representantes de grupo artísticos da área universitária.....	41
Figura 15 – Professora Albertina Brasil.....	43

Figura 16 – Portaria 949 de 24 de janeiro de 1978 cedendo a profª Albertina à FUNARTE.....	44
Figura 17 - Apresentação do I Festival de Arte Sem Barreira Albertina Brasil.....	49
Figura 18 - Logotipo do prêmio Albertina Brasil.....	50
Figura 19 - Folder da V Mostra Nacional Albertina Brasil de Artes Sem Barreiras ocorridos entre os dias 20 a 27 de novembro de 2011 no estado de Sergipe.....	52
Figura 20 e 21 – Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil.....	53
Figura 22 - Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil.....	54
Figura 23 - Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil.....	55
Figura 24- Lucas Aribé, deficiente visual, que trabalhou com a professora Maria Olga Andrade na SOFISE.....	55

## **LISTA DE SIGLAS**

CECAC – Centro de Extensão Cultural e Atuação Comunitária

CIAD – Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente

CONADE – Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência

CRUTAC – Coordenação Rural Universitária de Treinamento e Ação Comunitária

CULTART – Coordenação de Cultura e Arte

CURBITAC – Coordenação Urbana de Treinamento e Ação Comunitária

DSS – Departamento de Serviço Social

EMSETUR – Empresa Sergipana de Turismo

FASC – Festival de Arte de São Cristóvão

FUFS – Fundação Universidade Federal de Sergipe

FUNART – Fundação Nacional de Artes

IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

MEC – Ministério da Educação

MINC – Ministério da Cultura

SOFISE – Sociedade Filarmônica do Estado de Sergipe

UFS – Universidade Federal de Sergipe

## INTRODUÇÃO

Podemos perceber a educação como um dos pilares mais importantes para o desenvolvimento de um ser humano em sociedade. Educar não se restringe ao ato de ler e escrever, mas a capacidade de pensar, de perceber o seu lugar no mundo, podendo contestar algo que não lhe agrada. Uma pessoa que não tem acesso ao conhecimento certamente não conseguirá desenvolver todas as suas capacidades tornando-se refém do pensamento do outro, da sociedade que a envolve.

Meu envolvimento com a História da Educação aconteceu de fato no ano de 2010, mais precisamente em maio do decorrente ano, quando fui selecionada para participar do grupo de pesquisa História e Memória da Universidade Federal de Sergipe sob a coordenação da Professora Dr<sup>a</sup> Josefa Eliana Souza, o grupo em questão tinha o objetivo de pesquisar sobre a história da Universidade Federal de Sergipe mostrando as transformações ao longo dos anos. Esse período foi extremamente rico para mim, pois pude analisar a constituição da educação em Sergipe, mais precisamente o processo de formação do Ensino Superior público no Estado partindo de Faculdades Isoladas a idealização e implantação da UFS.

Nesse espaço de tempo, que foram dois anos, tive contato com vários documentos, relatórios e dentre vários temas que pesquisei o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC), chamou minha atenção. A importância desse evento para a instituição, UFS, fez com que me debruçasse com mais ênfase em suas pesquisas. Investiguei os ganhos que ela teve com o evento, mas também o quanto o mesmo causou danos ao município de São Cristóvão.

Em conversa com minha orientadora decidimos que o FASC não era propriamente um objeto a ser desenvolvido na linha de pesquisa em educação, estando mais relacionado à cultura. Então minha orientadora indagou porque não estudar Madre Albertina Brasil? No momento em que mencionou tal fato fui recordando que já tinha lido esse nome em alguns documentos relacionados à história da UFS e ao próprio FASC, já que a mesma foi presidente da comissão geral do evento.

Na hora fiquei muito feliz com a sugestão da professora, assim não deixaria de mencionar o FASC, e iria estudar sobre uma mulher, já que, gosto muito dessa linha de

pesquisa relacionando gênero com a educação do seu tempo não deixando de lado sua relação com o desenvolvimento da cultura dentro da instituição. Madre Albertina Brasil Santos passava a ser meu objeto de pesquisa. Começava a minha busca para conhecer sua história, pois o que eu sabia a seu respeito era muito pouco.

O caminho em busca dessas informações não foi nada fácil, já que, não havia livros, artigos que falassem de sua vida de forma clara e quando as referências surgiam estavam atreladas ao curso de Serviço Social, pois a mesma foi diretora – fundadora da Escola de Serviço Social- eram as poucas informações que possuía do meu objeto.

Um caminho que contribuiu de forma decisiva para que eu pudesse vislumbrar a realização de minha pesquisa foi o Arquivo Central da UFS. Neste ambiente tive certeza de que a mesma poderia ser realizada. Analisando o arquivo referente ao FASC, década de 70, encontrei ofícios, jornais, bilhetes que ajudaram na construção do trabalho que irei apresentar, sendo essa a década de surgimento do Festival, então entendi que a possibilidade de encontrar informações se concentraria nesse período. Na análise desses jornais pude descobrir um novo dado do meu objeto, sua relação com a extensão. Madre Albertina Brasil Santos está relacionada diretamente a história da extensão dentro da UFS.

Outro local de grande importância para mim foi o Departamento de Serviço Social (DSS). Lá pude contar com o auxílio da Professora Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Vasconcelos Gonçalves que disponibilizou todo o acervo referente à instalação do curso para que eu pudesse analisar: atas, livros referentes aos primeiros professores e alunos, enfim, material suficiente para que eu me certificasse dos dados, além de ajudar a conseguir contatos para as entrevistas e de disponibilizar o acervo fotográfico, contribuindo na elucidação dessa história. No que diz respeito ao acervo fotográfico cabe compreender que,

Utilizar as fontes fotográficas para a pesquisa histórica, portanto, significa inicialmente entender que tamanha diversidade de usos gerou arquivos e coleções que podem ser encontrados não somente em instituições de guarda (arquivos, museus, biblioteca, etc.), mas também nos seus locais de origem de produção ou no final do caminho de sua circulação (LIMA e CARVALHO, 2009, p.34 e 35).

A falta de escritos sobre Madre Albertina Brasil me deixou por várias vezes apreensiva, temerosa de não cumprir com a tarefa, afinal eu iria falar da trajetória de uma pessoa que é citada nos registros da UFS, mas que ao mesmo tempo não tem nada escrito de forma específica sobre ela. Como meu objeto de pesquisa, estava atrelado à história do curso de Serviço Social busquei algumas leituras que me ajudassem a compreender esse universo, como Vieira (1989) que relaciona a história do Serviço Social a uma prestação de auxílio, apresentando-se ora como filantropia, caridade ou ajuda ao próximo.

Segundo Martinelli (1997) o Serviço Social como profissão foi legitimado e reconhecido socialmente com a consolidação da sociedade capitalista surgindo como fruto da união de interesses da burguesia, igreja e do Estado.

Definir o Serviço Social é difícil, uma definição é essencialmente estática, enquanto o Serviço Social é, por sua própria natureza, dinâmico. A palavra “serviço”, do latim “servitium”, “servire”, tem seu sentido de “ser escravo”, dependente de alguém, na linguagem moderna designa uma atividade feita para outrem. A palavra “social” vem de “sociedade” e seria assim “social” tudo o que se relacionasse com a sociedade a qual por sua vez pode ser definida como união durável, em vista de um fim comum. Num sentido muito amplo, portanto, podem ser considerados como “Serviço Social” ou “serviços sociais” os recursos postos à disposição dos membros da sociedade, seja por particulares ou pelo governo, para prevenir flagelos, melhorar condições de vida, efetuar o nível de existência (VIEIRA, 1969, p.32).

As primeiras escolas de Serviço Social criadas no Brasil foram a de São Paulo, em 1936 e a do Rio de Janeiro, em 1937. Em Sergipe teve seu surgimento na década de 50, com uma sociedade em transformação marcada pela industrialização e o crescente desemprego. A igreja católica, o Estado e as elites dominantes, foram os responsáveis pela sua implantação. Nesse cenário insere - se Madre Albertina Brasil e com base nessas informações pude delinear seus primeiros passos.

Como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das “vozes” que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais. Como “sem documentos não há História”, os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação (BORGES, 2010, p. 212).

Por meio dessas “vozes” fui construindo minha pesquisa que tem como objetivo identificar e analisar os elementos que compõem a trajetória de Madre Albertina Brasil na constituição do Ensino Superior da Universidade Federal de Sergipe, sobretudo no que diz respeito à consolidação do curso de Serviço Social no Estado, em que atuou como diretora por toda a década de 50 e em suas atividades de extensão, sendo uma pesquisa histórica, contribuindo com a história da educação em Sergipe e no desenvolvimento da cultura do mesmo.

Dentre os trabalhos que pesquisei dois serviram como base norteadora para a construção da minha pesquisa: o de Rosa et al. (1997) e o Jubileu de Ouro do Curso de Serviço Social (2004), sendo que ambos contam a história da Escola de Serviço Social de Sergipe. O trabalho de Rosa et al. (1997) intitulado “Reconstrução Histórica da Escola de Serviço Social de Sergipe na década de 50” faz uma descrição minuciosa de como era a estrutura organizacional da Escola naquele ano, trazendo por meio de documentos informações referentes aos primeiros professores, alunos, currículo inicial, as primeiras disciplinas, formação profissional dos professores e até mesmo o horário das disciplinas ministradas. Esse trabalho permite que se tenha uma visão ampla de como era o funcionamento da instituição.

Já com a leitura do Jubileu de Ouro do Curso de Serviço Social pude não só confirmar as informações encontradas no trabalho anterior, mas também me deparar com as primeiras informações sobre a vida de Madre Albertina Brasil. Vários textos do livro chamaram minha atenção, em especial a homenagem póstuma feita à Madre Albertina Brasil pela professora Carmem Machado Costa. Em seu texto destaca o quanto a mesma foi uma figura decisiva não só no surgimento, mas também na consolidação do mesmo, no qual ela destaca a coragem em dirigir uma escola numa época em que não se podia contar com Assistentes Sociais graduados e em que os recursos materiais e humanos eram limitados.

Através de minhas leituras pude perceber o quanto Madre Albertina Brasil foi uma pessoa extremamente influente, ocupando sempre cargos de liderança e mantendo amizade com pessoas de destaque na história da UFS, como o reitor João Cardoso do Nascimento Júnior<sup>1</sup>, o que nos remete ao capital social e simbólico de Bourdieu e a

---

<sup>1</sup> João Cardoso do Nascimento foi o primeiro reitor da UFS no período de 1968 a 1972

importância das relações com outros indivíduos destacado por Nogueira e Nogueira (2009) ressaltando que,

O volume de capital social de um indivíduo seria definido em função da amplitude de seus contatos sociais e, principalmente, da qualidade desses contatos, ou seja, da posição social (volume de capital econômico, cultural, social e simbólico) das pessoas com quem ele se relaciona (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009, p.43).

Contudo, essa pesquisa se faz singular por apresentar de forma específica a trajetória profissional de Madre Albertina Brasil em sua passagem pelo estado de Sergipe iniciada no ano de 1954 ao ano de 1977 e em outros projetos que desenvolveu ao longo de sua vida, compreendendo-a não somente como diretora da Escola de Serviço Social, mas a frente dos projetos de extensão criados dentro e fora da UFS, quando a mesma desenvolve um programa voltado para os artistas portadores de qualquer tipo de deficiência. Destaco a grande dificuldade de fontes, tendo ficado o mesmo com algumas lacunas devido a esse fato, mas sendo em seu produto final uma experiência enriquecedora.

Essa pesquisa tem como procedimentos metodológicos a análise de livros, monografias, dissertações, artigos, atas, fotografias e entrevistas. O levantamento das fontes foi feito nas seguintes instituições: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), Arquivo Central da UFS, Departamento de Serviço Social (DSS), Biblioteca Central da UFS (BICEN), Biblioteca Pública Epifânio Dória e Arquivo Público de Aracaju.

O trabalho está dividido em três capítulos; no primeiro apresenta o processo de constituição da Escola de Serviço Social em Sergipe relatando como Madre Albertina Brasil lidou com as dificuldades apresentadas na instalação da mesma e ainda como a Escola foi integrada a UFS, tornando-se Faculdade de Serviço Social. No segundo capítulo serão apresentados dados relacionados aos projetos de extensão desenvolvidos dentro e fora da Universidade e como ela esteve à frente de grandes empreendimentos da instituição e no terceiro capítulo a continuação dos projetos de extensão, agora fora da UFS, com portadores de deficiência na qual ela é fundadora da Associação Vida Arte

Sem Barreiras/Very Special Arts que apóia e valoriza os artistas portadores de alguma deficiência.

## CAPÍTULO I – O SURGIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL EM SERGIPE



Fig. 1- Madre Albertina Brasil Santos. Fonte: DSS da UFS

Nascida na cidade de Pouso Alegre em Minas Gerais no dia 19 de novembro de 1925, Albertina Brasil Santos, primeira filha de uma família que tinha como marca a extrema religiosidade. Possuía dois irmãos, Zilá Santos Sarmento e Odilon Pacheco Santos, já falecido. Albertina ingressou para a Congregação Missionárias de Jesus

Crucificado<sup>2</sup> aos 20 anos. Nessa cidade teve a formação de Assistente Social pela Escola de Serviço Social de Campinas. A jovem viu sua história entrecruzar-se com a do Estado de Sergipe no de 1954, mais precisamente quando leu uma carta endereçada a sua congregação enviada por D. Fernando Gomes<sup>3</sup> solicitando que as irmãs daquela ordem viessem a Sergipe para criarem uma Escola de Serviço Social, já que, haviam criado outras escolas no Brasil.

Além da Irmã Albertina, as outras em questão eram a Irmã Maria de Lourdes Mafra e Judith Junqueira Villela, peças fundamentais que juntamente com a Irmã Albertina (nessa época ainda não era Madre)<sup>4</sup>, foram responsáveis pela consolidação da Escola de Serviço Social no Estado.

As irmãs missionárias de Jesus Crucificado constituem-se os principais sujeitos sociais responsáveis pela implantação da Escola de Serviço Social, pela sua consolidação e pelo seu reconhecimento social na sociedade sergipana (SANTOS, 1998, p. 33)

A implantação dessa Escola no Estado era vista como peça fundamental pela igreja para a divulgação de valores ideológicos que contribuiriam para amenizar os conflitos sociais os quais Sergipe passava na década de 50, marcada pela industrialização e o crescente desemprego ocasionando o aumento da desigualdade

---

<sup>2</sup> A Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado foi fundada na cidade de Campinas, São Paulo, no dia 03 de maio de 1928, pela Madre Maria Villac. Tendo a finalidade da formação de jovens missionárias que desenvolvam o carisma missionário indo à busca de pessoas mais necessitadas e injustiçadas em nome do amor ao Jesus Crucificado. Disponível em: <http://www.mjc.org.br>. Acessado em 10/12/2011

<sup>3</sup> Dom Fernando Gomes nasceu no dia 4 de abril na cidade de Patos na Paraíba. Filho de Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Gomes Lustosa. Em 1921 ingressa no Seminário, na capital da Paraíba e em 1932, foi ordenado sacerdote, em Roma, em 1º de novembro. E, em 1933 foi diretor do Colégio Diocesano em Cajazeiras, Paraíba. No ano de 1936 foi ordenado vigário da Catedral de Cajazeiras, em 1937, vigário em Patos. No dia 4 de abril de 1943, quando completou 33 anos de idade recebeu a sagração episcopal, Bispo de Penedo, Alagoas, tornou-se o mais jovem membro do episcopado brasileiro. Em 1949 foi transferido assumindo a Diocese de Aracaju e em 1952 participou da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Em quatro de abril de 1985, numa quinta – feira santa. D. Fernando celebrou o 75º aniversário de vida e 42º de episcopado. Em 1º de junho faleceu em Goiânia. Seu corpo foi sepultado em três de junho na Catedral Metropolitana de Goiânia. Disponível em: <http://www.arquidiocesedegoiania.org.br/site/component/content/article/34-resumo/195-dom-fernando.html> - Acessado em 29/01/2012

<sup>4</sup> Madre Albertina Brasil foi nomeada Madre Superiora da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, sua nomeação foi resultado da separação do Seminário Diocesano da Casa do Tabor.

social. “A intervenção na área social era de responsabilidade de instituições vinculadas ao Estado, à Igreja e à iniciativa privada” (GONÇALVES, 2004, p. 45)

A presença do ideário da Igreja Católica perpassou a formação profissional do assistente social, no Brasil e em Sergipe, durante esse período. A intervenção do assistente social tinha por base, prioritariamente os ensinamentos oriundos da doutrina cristã. A visão humanista impedia de visualizar qualquer sinal de conflito social advindo da luta de classes, da contradição entre capital e trabalho. A harmonia, a integração, a solidariedade constituíam – se em valores clássicos que direcionavam a ação do profissional (GONÇALVES, 2004, p. 46)

À frente da igreja católica neste projeto estava o Bispo Diocesano D. Fernando Gomes criador da Sociedade Sergipana de Cultura<sup>5</sup> órgão que contribuiu para a manutenção da Escola, mas juntamente com o apoio da igreja católica estava o do governador Arnaldo Rollemberg Garcez<sup>6</sup> (1951 – 1955) que foi o responsável pelo espaço físico da Escola, doando o prédio, no qual funcionava o Departamento de Estradas e Rodagens localizado na rua Estância nº 228, visando o desenvolvimento de uma grande obra social para o Estado.

---

<sup>5</sup> A Sociedade Sergipana de Cultura era uma entidade sem fins lucrativos, criada no ano de 1950, por iniciativa do Bispo Diocesano D. Fernando Gomes com a finalidade de instruir, manter e dirigir as faculdades e demais institutos de caráter social e cultural que mais tarde viessem a integrar a futura Universidade Católica de Sergipe. **Jubileu de Ouro** – Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe. Vol. 1 n.1. São Cristóvão: Periódicos. I Universidade Federal de Sergipe, 2004.

<sup>6</sup> Arnaldo Rollemberg ([Itaporanga d'Ajuda, 19 de janeiro de 1911](#) — [Aracaju, 7 de setembro de 2010](#)) foi um [político brasileiro](#). Foi eleito [Deputado Federal](#) em 1958 e novamente em 1962. Ocupou a prefeitura de [Itaporanga d'Ajuda](#) nos períodos de [1983 a 1987](#) e de [1993 a 1997](#). Foi também [governador de Sergipe](#) de [1951 a 1955](#). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo\\_Garcez](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo_Garcez). Acessado em 23 de abril de 2012.



Fig. 2 – Assinatura de Arnaldo Rollemberg Garcez doando o prédio para a Escola de Serviço Social. Fonte: DSS da UFS

Por essa contribuição é que Arnaldo Rollemberg Garcez considerava a Escola de Serviço Social como realização do seu governo.

A diocese de Aracaju sente-se feliz porque pode trazer a bênção de Deus para a Escola de Serviço Social de Sergipe, obra que deve á compreensão, espírito de fé e energia do exmo. Sr. Governador do Estado. O Exmo. Governador compreendeu a urgente necessidade de se preparar pessoal habilitado para as diversas obras sociais sergipanas. Daí a razão de ser desta Escola de Serviço Social, cuja direção as Missionárias de Jesus Crucificado aceitaram, e nós, pôr isso lhes somos gratos (Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 27/03/1954, p. 4 e 5).



Fig. 3 - Prédio da Escola de Serviço Social cedido pelo governador Arnaldo Rollemberg Garcez. Fonte: DSS da UFS

Em 06 de fevereiro de 1954 chegaram a Sergipe a Irmã Judith Junqueira Villela e a Irmã Maria de Lourdes Mafra para organizar a instalação da Escola que passam a contar também com o auxílio do Padre Luciano Cabral Duarte<sup>7</sup> designado por D.

---

<sup>7</sup> Dom Luciano Cabral Duarte é filho de José de Góes Duarte e Célia Cabral. Foi batizado na Catedral Diocesana, em [Aracaju](#), no dia [7 de fevereiro](#) de [1925](#). Estudou na Escola de Aprendizes Artífices, depois Escola Técnica, CEFET, hoje IFS, antes de ingressar no Seminário Menor do Sagrado Coração de Jesus, aos 11 anos. Sempre foi o primeiro colocado na turma. Em 1942, mudou-se para o Seminário de Olinda, em Pernambuco. Em fevereiro de 1945 transferiu-se para São Leopoldo (Rio Grande do Sul) onde concluiu os estudos eclesiásticos necessários para se tornar padre. Foi [ordenado sacerdote](#) pelas mãos de Dom [Fernando Gomes dos Santos](#), então bispo de Penedo, no dia [18 de janeiro](#) de [1948](#). Padre Luciano iniciou suas atividades de sacerdote na Igreja do São Salvador. Atualmente, vive recluso na sua residência, devido ao seu frágil estado de saúde. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano\\_Jos%C3%A9\\_Cabral\\_Duarte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_Jos%C3%A9_Cabral_Duarte). Acessado em 23 de abril de 2012

Fernando Gomes para ser seu representante junto à escola. Com a chegada das irmãs no estado os órgãos da imprensa católica começaram a disseminar o surgimento da Escola de Serviço Social, pois era preciso a divulgação para que houvesse alunos.

## Surge a Escola de Serviço Social

“A Cruzada” tem a grande satisfação de comunicar aos seus leitores que ainda neste ano vamos ter, em funcionamento, a Escola de Serviço Social de Sergipe. Como é do conhecimento público, há tempos que se vem cogitando na possibilidade de se instalar, em Aracaju, uma escola deste tipo.

O agravamento dos problemas sociais fez com que se fosse plasmando, em toda a parte, uma nítida consciência da necessidade de um trabalho organizado, com o fim de procurar resolver, ou ao menos encaminhar para um solução, os incontáveis casos de desajustamento humano, que fatores diversos provocam na sociedade. E nós bem sabemos como Sergipe está repleto deles.

De Escolas do Serviço Social de outras cidades, como Belo Horizonte, São Paulo, Rio, etc., têm-nos vindo excelentes Assistentes Sociais, que na Legião Brasileira, ou nas Autarquias, ou em outras instituições, estão desenvolvendo admirável trabalho de restauração humana entre nós.

Vai surgir agora, finalmente, a Escola de Serviço Social de Sergipe, que virá possibilitar o acesso a esta carreira e profissão, para muitas jovens

de nossa terra que não teriam possibilidade de estudar em outro Estado, e ao mesmo tempo se anuncia como uma esperança da expansão da Assistência Social em Sergipe.

Sob os auspícios da Sociedade Sergipana de Cultura (que é a entidade mantenedora da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe), começará a funcionar em março próximo a nova Escola de Serviço Social de Sergipe, que será dirigida por uma Assistente Social formada pela Escola de Serviço Social de Campinas, a Irmã Albertina Brasil Santos.

Já se encontram também em Aracaju mais duas Assistentes Sociais, formadas pela mesma Escola de Campinas, em S. Paulo, as Irmãs Judite Junqueira de Melo e Maria de Lourdes Mafra, que vão dar à Escola de Serviço Social de Sergipe a sua dedicação e competência.

E’ de justiça ressaltar aqui o decidido apoio que o exmo sr. Governador Arnaldo Rollemberg Garcez deu à Escola de Serviço Social. A Escola se pode considerar uma realização do seu Governo, pois sem a sua cooperação não seria possível a criação da mesma. O Governo vem de adquirir, por Cr\$ 700.000,00 o belo prédio

onde funciona o Departamento de Estradas de Rodagem, à rua de Estância, para doá-lo como sede da Escola. Além disto, concedeu subvenção anual de Cr\$ 100.000,00 para manutenção da mesma. Completa, deste modo, o sr. Arnaldo Garcez, o quadro da grande obra social que vem realizando no Serviço de Recuperação Social. Serviço este que agora poderá contar com a cooperação inestimável das Assistentes Sociais que serão formadas pela nova Escola.

Informamos às pessoas interessadas que, para inscrição na Escola de Serviço Social, é necessário o diploma de curso de Colégio, Normal ou Técnico de Comércio. As inscrições para matrícula e outras informações devem ser procuradas com a Irmã Maria de Lourdes, na Casa do Tabor, anexa à Igreja N. Sra. Menina.

E neste momento, quando a coragem e o espírito realizador de Dom Fernando Gomes tomam sobre os ombros da Diocese mais este empreendimento de tão alto alcance para o Estado, cabe a todos os sergipanos prestigiar a grande obra e dar, da maneira possível a cada um, a sua parcela de colaboração.

Fig. 4 - Notícia sobre o Surgimento da Escola. Fonte: “A Cruzada”, Aracaju, 13 de fevereiro de 1954, p. 1. Ano XXIV, nº 837.

Com a sociedade sergipana informada à respeito da nova escola o jornal “A CRUZADA” do dia 14 de fevereiro difundiu as inscrições para o curso de Serviço Social realizado na Rua Itabaiana, 719; já no dia 7 de março o mesmo jornal publica o edital do primeiro concurso vestibular que ocorreu no dia 13 de março às 14h00h na Faculdade Católica de Filosofia, já que, o prédio no qual a escola funcionaria passava por reformas.

A Irmã Albertina Brasil, diretora da Escola, chegou em Sergipe no dia 12 de março de 1954, acompanhando a seleção das candidatas para uma vaga juntamente com o Pe. Luciano Cabral Duarte.

O primeiro contato da diretora da Escola, Irmã Albertina, com suas futuras alunas, que às 14h deste mesmo dia tem o seu exame vestibular, numa das salas da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Submeteram-se a este exame 20 candidatas, e foi presidida pela diretora e pelo Revmo. Snr. Pe. Luciano (Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969 de 13/03/54, p. 3).

Na mesma data do exame de seleção das alunas, o jornal “A CRUZADA”, órgão da igreja católica, traz em sua primeira página a manchete com a seguinte pergunta: Porque Serviço Social? No qual procura demonstrar a importância do Assistente Social para a sociedade:

Sendo o Serviço Social essencialmente educativo, sua missão principal é “promover os meios necessários para ajudar a pessoa humana a portar – se neste mundo como deve ser em vista do Fim para a qual foi criada, todas as vezes que esta for incapaz de fazê - lo por si mesma”. Daí se conclui que nenhum serviço vive melhor e mais intensamente o preceito do amor ao próximo, do que o Serviço Social, através de seus métodos e técnicas. Dada a complexidade dos problemas sociais de nossa época, que deixam o homem enleado por um aflitivo mal – estar social, somente na reestruturação da sociedade encontrará base segura para a construção de melhores dias. E unicamente do trabalho de agentes especializados se poderão esperar esta reforma promissora de um mundo melhor. Entre esses agentes estão os Assistentes Sociais, de cujo trabalho muito se deve esperar, quer por sua ação direta na linha de combate, quer pela influencia que poderão exercer junto aos Organismos responsáveis pela ordem e bem – estar sociais (A Cruzada, 13 de março de 1954, p. 1. Ano XVIV, nº 841).

Confirmando a informação presente no Livro de Atas submeteram-se a esse exame 20 candidatas. O resultado foi divulgado no dia 21 de março de 1954. A primeira turma de assistentes sociais foi composta da seguinte forma:

## QUADRO I – PRIMEIRAS ALUNAS DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

Antônia Eduvalina Nascimento
Aidê Matos de Oliveira
Carmélia Freire Menezes
Everilda Mandarino dos Reis
Guiomar Lima Azevedo
Ilnah Moreira Mendonça,
Lucia Teles da Silva
Irmã Maria Alzira S. Câmara
Maria Bárbara
Maria Celeste A. Garcez
Maria Lúcia de A. Almeida
Maria das Graças Ferreira
Maria Luiza Pontes
Maria das Mercez de L. Gomes
Maria Valdira Leite
Núbia Marques de Azevedo
Ruth Alves de Barros
Ruth de Menezes Santos
Wanda Laura Leite
Lêda A. Diniz Gonçalves

Fonte: Rosa et al. (1997). Acervo: Biblioteca Central da UFS

Formava-se então o quadro de assistentes que a Irmã Albertina passaria a comandar.



Fig. 5 - D. Fernando Gomes com a primeira turma da Escola de Serviço Social. Fonte: DSS da UFS

Com o quadro de alunos definido, agora era preciso definir os professores que iriam desenvolver o trabalho com as alunas. A primeira reunião sobre esse assunto ocorreu entre as Irmãs, o Bispo Dom Fernando Gomes e o Pe. Luciano Cabral Duarte. Segundo Rosa et al. (1997) o corpo docente da Escola no período de 1954 a 1955 foi formado da seguinte forma:

**QUADRO II – PROFESSORES DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL NO  
PERÍODO DE 1954 A 1955**

<b>Nome do Docente</b>	<b>Cadeira</b>	<b>Diploma</b>
Irmã Irma R. da Cunha	Introdução do Serviço Social	Assistente Social
Irmã Albertina Brasil Santos	Serviço Social de Casos	Assistente Social
Irmã Maria Gurjão	Seminário e Formação	Assistente Social
Pe. José de A. Mendonça	Cultura Religiosa	Sacerdote
Mons. Espiridião Nilo de Gois	Ética Geral	Sacerdote
Lucy Oliveira Cunha	Psicologia	C. Filosofia
Dr. Manuel Cabral Machado	Sociologia	Advogado
Dr. João Cardoso N. Junior	Higiene e Medicina Social	Médico
Dr. José Bonifácio Fortes Neto	Noções de Direito	Advogado
Dr. José Hermenegildo Cruz	Estatística	Técnico em Estatística

Fonte: Rosa et al. (1997). Acervo: Biblioteca Central da UFS

Com a equipe formada chegava o dia da inauguração da Escola, no dia 24 de março de 1954, as chaves da escola foram entregues à diretora Madre Albertina Brasil. O dia seguinte foi utilizado pelas irmãs e pelas futuras alunas para organizarem o espaço para o grande dia. No dia 27 de março a escola foi oficialmente inaugurada, tendo também uma nota de divulgação no jornal “A CRUZADA”.

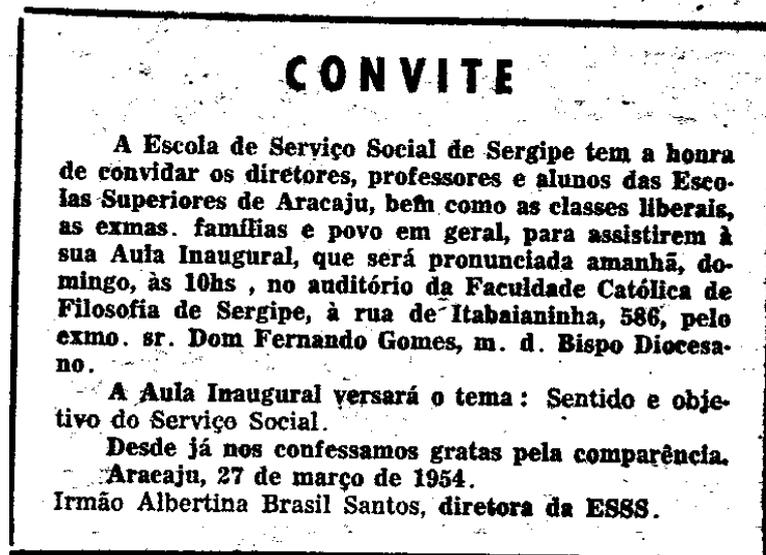


Fig. 6 – Convite para a inauguração da Escola de Serviço Social. Fonte: “A Cruzada”. Aracaju, 27 de março de 1954, p. 1. Ano XXIV, nº 843.

A inauguração da Escola foi um evento para a sociedade sergipana contando com a presença de autoridades como o governador Arnaldo Rollemberg Garcez, assim também militares e civis. Em seu discurso o Bispo D. Fernando Gomes naquela ocasião desejou paz aquela casa.

A diocese de Aracaju sente-se feliz porque pode trazer a benção de Deus para a Escola de Serviço Social de Sergipe, obra que deve à compreensão, espírito de fé e energia do Exmo Snr. Governador do Estado. O Exmo Snr. Governador compreendeu a urgente necessidade de se preparar pessoal habilitado para as diversas obras sociais sergipanas. Daí a razão de ser desta Escola de Serviço Social, cuja direção as Missionárias de Jesus Crucificado aceitaram, e nós, por isto lhe somos gratos (Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 27/03/54, p. 4 e 5).

Madre Albertina Brasil fez um discurso cujas palavras menciono a seguir:

Assumindo a direção da Escola de Serviço Social de Sergipe, trouxe para ela: de brasileiras, o coração; de missionárias, o zelo pelas almas, e de Assistentes Sociais, o desejo de servir (Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 27/03/54, p.4).



Fig. 7 – Discurso de Madre Albertina Brasil na inauguração da Escola. Fonte: DSS da UFS

Estava oficializado o nascimento da Escola de Serviço Social de Sergipe. A aula inaugural foi presidida por D. Fernando Gomes no dia 28 de março com o tema “Conceito e a importância do Serviço Social”. O ano letivo começou de fato no dia 29 de março de 1954 e assim iniciava - se o trabalho de Madre Albertina Brasil, não só como administradora da instituição, mas como professora no trabalho diário com as alunas.

Madre Albertina Brasil (na época Irmã) idealizou para o início das atividades da Escola a promoção de conferências, em que cada professor faria exposições a respeito de assuntos sociais. Por meio desses eventos ela esperava esclarecer dúvidas não só de suas alunas, mas de qualquer outro cidadão, já que, as mesmas eram abertas ao público.

A primeira conferência da Escola de Serviço Social aconteceu no dia 30 de abril de 1954 pelo Profº Dr. João Cardoso Nascimento Júnior (primeiro reitor da UFS) com o tema “A assistente social e o problema da saúde”.



Fig. 8 – Primeira Conferência ministrada pelo Profº Drº João Cardoso do Nascimento. Fonte: DSS da UFS

A presença da religiosidade foi fato marcante na formação das alunas, tendo como uma de suas metas a valorização da formação religiosa e moral delas, conforme o acordo com o art.14 do regimento interno da Escola no qual deixa claro que o diretor podia negar inscrição ou matrícula de aluno e renovação ao professor que não concordasse com a orientação da Escola, ficando expressas no Livro de Atas da Escola as normas religiosas que deviam ser seguidas pelas alunas.

O mês de maio, mariano, no qual fazia parte do programa que deveria ser executado diariamente antes do início das aulas: 1º oração do ano mariano, 2º três ave marias pelas intenções particulares de cada uma de suas alunas e pelos professores e famílias de ambos os lados; 3º cântico em honra de Nossa Senhora e a celeste rainha pronta, certamente, a conceder a cada uma dessas alunas uma torrente de graças e bênçãos de que está repleto o seu santo e imaculado coração! (Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 01/05/1954, p.7).

Gonçalves (2004) traz em seu texto essa discussão sobre a influência da igreja católica na Escola de Serviço Social destacando que o mesmo “era visto como um

apostolado de prestação cristã de serviços para salvar os humanos de problemas sociais” (GONÇALVES, 2004, p.46). Dando ênfase também a forte presença de sacerdotes e freiras na constituição do corpo docente. Madre Albertina Brasil era responsável pela cadeira de Serviço Social de Casos (1954, 1955, 1957, 1958, 1959), Serviço Social de Menores (1957) Seminário de Formação (1958, 1959) que aliava a sua formação de Assistente Social com sua formação religiosa.

Além da presença marcante do catolicismo na Escola, outro fato que merece destaque é a falta de recursos para a manutenção da mesma sendo um dos grandes entraves enfrentados por Madre Albertina Brasil. A Sociedade Sergipana de Cultura manteve a Escola até o ano de 1957 (ano em que a Irmã Albertina foi consagrada Madre), sendo passada esta função para a Sociedade Feminina de Instrução e Caridade dirigida pela congregação das Missionárias de Jesus Crucificado.

Mesmo sendo uma Faculdade particular, o valor cobrado aos alunos era considerado muito baixo e por isso não havendo nem mesmo condições para o pagamento dos professores. Em seu texto Rosa et al. (1997) relata as dificuldades financeiras por qual a Escola passava e como sua diretora tentava buscar caminhos para sanar problemas.

A Escola passava por momentos de crise financeira, agravando inclusive a remuneração dos professores. Em alguns momentos a Diretora viajava ao Rio para pedir verbas aos Deputados Sergipanos. Promovia festas e cursos extracurriculares este além de contribuir na capacitação do aluno, também influenciava na questão financeira (ROSA, et al., 1997, p. 72).

Gizelda Morais (2008) traz em seu livro, “Dom Luciano José Cabral Duarte – Relato Biográfico”, a biografia desta figura tão influente dentro e fora da igreja católica de Sergipe. A igreja católica que teve papel importante no desenvolvimento do Ensino Superior com a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), tendo como diretor D. Luciano José Cabral Duarte, pessoa que também contribuiu com a Madre Albertina Brasil, na qual ela revela as dificuldades que enfrentou a frente da direção da Escola de Serviço Social.

O problema mais sério com a criação da Escola era o de ser uma Faculdade particular. Cobrava-se muito pouco dos alunos; chegava fim de mês, era aquele drama, não tínhamos dinheiro pra pagar os professores. O sonho de pagar os professores com o dinheiro dos

alunos nunca deu certo. Nós, as Irmãs eram três, Madre Lourdes Mafra, Irmã Judith Vilela e eu. Outras estavam se formando, e nós tínhamos que trabalhar pra poder ajudar a manter a Faculdade. Eu, que não tenho habilidades manuais, fiz até artesanato e salgadinho para vender. A gente dava bolsa para pessoas pobres que queriam fazer o curso. Irmãs de outras congregações também não pagavam. Mas as pessoas eram maravilhosas. No fim do mês, eu dizia aos professores que não dava para pagar integral e eles entendiam. O Pe. Luciano sempre nos ajudava a resolver esses problemas. E ele dizia: “A situação está difícil, mas vai chegar um dia em que as coisas vão melhorar”. A luta maior foi essa questão de não ter como manter a Faculdade (MORAIS, 2008, p. 94, 95 e 96)

Outro fato que pode ser destacado na administração de Madre Albertina Brasil foi à do Intercâmbio Cultural promovido por ela aos profissionais da Escola. O curso de Serviço Social possuía uma ligação com grandes centros de pesquisa do Brasil e do exterior, no qual visava à qualificação do corpo docente. Ela mesma foi para os Estados Unidos fazer um curso de especialização no dia 26 de dezembro de 1956 retornando no dia 06 de abril de 1957. Neste ano também ocorreria à formatura da primeira turma de Serviço Social, mas antes que esse fato ocorresse, Madre Albertina Brasil acompanhada de alguns professores solicitou ao Governador do Estado, a criação de cargos para Assistentes Sociais, já que a Escola no dia 01 de dezembro de tal ano formaria sua primeira turma de assistentes sociais.



Fig. 9 – Formatura da primeira turma de Serviço Social no ano de 1957. Fonte: DSS da UFS

No período de 1954 a 1959 a Escola de Serviço Social esteve sob o comando de Madre Albertina Brasil. No ano de 1960 retornou para Minas Gerais para dirigir a Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, regressando para Sergipe e para a direção da Escola de Serviço Social no ano de 1967, local que permaneceu até o ano de 1969.

A Escola recebe hoje a sua nova diretora, Albertina Brasil Santos, e que foi a sua primeira diretora. Há regozijo com o seu retorno, recebendo – a os Srs. professores, alunos, elementos da ABAS e amigos, com vivas demonstrações de alegria e amizade. É lhe oferecida carinhosa festa, a qual comparece grande número de amigos seus, destacando o Sr. Arcebispo, o Sr. Bispo auxiliar, o Sr. vice – governador do Estado e o diretor do hospital Cirurgia, Dr. João Cardoso (Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 12/02/67, p.80).

Em sua segunda passagem na direção da Escola de Serviço Social destaco como principal fato ocorrido em sua gestão à mudança de nomenclatura da Escola para Faculdade de Serviço Social, tendo sido integrada a recém – criada Universidade Federal de Sergipe no ano de 1968.

### **1.1 – A Criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS)**

A primeira tentativa de implantação de uma Universidade no estado de Sergipe ocorreu em meados da década de 20 no governo de Maurício Graccho Cardoso<sup>8</sup> (1922 –

---

<sup>8</sup> Maurício Graccho Cardoso, Bacharel – Filho do professor Brício Cardoso, e D. Mirena Cardoso, nasceu em 9 de agosto de 1874 na cidade da Estância. Quando ingressou na Escola Militar, teve de aumentar a idade a fim de poder cursá-la regularmente. Daí a certidão dos seus assentamentos militares rezarem a data de nascimento a 23 de maio de 1873. Iniciou os seus estudos em Aracaju, com o seu progenitor, mudou -se depois para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola da Praia Vermelha, passando mais tarde para a Escola Militar do Ceará, terminando aí os seus preparatórios. Como aluno desta Escola, prestou serviços à causa da legalidade, tomando parte, a bordo do Cruzador “Niterói” no combate naval de 16 de abril de 1894, em que foi torpedeado o “Aquidabã”. Esteve ainda nesse caráter, em Recife, Bahia e Santa Catarina, tendo então desempenhado diversas comissões arriscadas. Advogado provisionado em 1898 no Ceará, em 1899 principiou seus estudos de Direito no Rio de Janeiro, fazendo ali exame do 1º ano, sendo obrigado a interrompê-los, para reinseri-los na Faculdade Livre de Direito do Ceará, onde se bacharelou em 1907. Já há esse tempo havia consolidado o prestígio de uma hábil e ardente pena política no periodismo de Fortaleza, no qual vinha intervindo de uma maneira ativa e continuada, em favor da corrente partidária, chefiada pelo Comendador Nogueira Acioli, então Presidente do Estado. Ali lhe

1926). Sob o decreto nº 825/1923 implantou-se o Instituto de Química Industrial que oferecia um curso técnico com duração de três anos voltados para técnicos da indústria açucareira. Neste período ocorreram a criação das Faculdades de Direito Tobias Barreto e as Faculdades de Farmácia e Odontologia Aníbal Freire; pela falta de alunos e de recursos esses cursos acabaram fechando no ano de 1926.

Os primeiros cursos de Ensino Superior surgem no governo de José Rollemberg Leite<sup>9</sup> (1947 – 1951) trinta anos após a tentativa de Graccho Cardoso. Em 1948 foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas e a Escola de Química; em 1951 surge a Faculdade de Direito e a Faculdade de Filosofia, em 1954 a de Serviço Social e em 1961 instalou-se a Faculdade de Ciências Médicas. Essas escolas formaram a base para a instalação da UFS. Em 28 de fevereiro de 1967 sob o decreto lei nº 269 instituiu-se a Fundação Universidade Federal de Sergipe (FUFS) composta pelas escolas de ensino superior e institutos. Para que isso acontecesse pode-se destacar a presença marcante de D. Luciano José Cabral Duarte, presidente, na época, do Conselho Estadual de Educação.

Com as seis escolas, entendeu-se que o número já era suficiente para a formação de uma Universidade, e no ano de 1962, sob a liderança de Dom Luciano Cabral Duarte e do Dr. Luiz Rabelo Leite, criou-se um grupo de trabalho para elaboração do anteprojeto de criação e realizando uma atuação efetiva junto ao Conselho Federal de Educação no sentido de concretizar um dos grandes anseios dos sergipanos: Uma Universidade (SANTANA, 2000, p. 22).

De acordo com Silveira (2008) a UFS foi fundada no dia 28 de fevereiro de 1967, pelo decreto – lei nº 269, vindo a instalar - se como Universidade no dia 30 de abril de 1968, sendo a solenidade de instalação em 15 de maio de 1968. Para ocupar o cargo de primeiro reitor da UFS o nome escolhido foi o de João Cardoso Nascimento,

---

foram abertas as portas à carreira política, na qual exerceu uma atividade devotada e inteligente, bastante proveitosa aos interesses públicos. Fonte: (GUARANÁ, 2007, p. 427)

<sup>9</sup>José Rollemberg Leite ([Riachuelo, 19 de setembro de 1912 — 1996](#)) foi um [fazendeiro](#) e [político brasileiro](#). Era filho do [senador](#) Manuel Rollemberg de Menezes e de Amélia Almeida Dias Coelho e Melo. Pelo lado paterno era neto de [Gonçalo de Faro Rollemberg, barão](#) de Japarutuba e bisneto do [senhor de engenho](#) Manuel Rollemberg de Azevedo e de Antônia Caldas de Moura [Accioli](#). Pelo lado materno era neto do [barão da Estância](#) e bisneto do [barão de Itaporanga](#). Exerceu o cargo de [governador de Sergipe](#) por duas vezes. Foi também [senador da República \(1965 - 1970\)](#) e secretário de estado por diversas vezes. Professor do Atheneu Sergipense, da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, entre outras instituições educacionais de Sergipe. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Rollemberg\\_Leite](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Rollemberg_Leite). Acessado em: 07/03/2012

professor da Escola de Serviço Social, médico e diretor da Faculdade de Medicina e para vice-reitor Waldemar Fortuna e para segundo vice-reitor o Pe. José Mendonça, professor da Faculdade de Serviço Social. Destaco também com grande importância a presença do nome de Madre Albertina Brasil na lista tríplice para a escolha do segundo vice-reitor.

Com a fundação da UFS, a Escola de Serviço Social, agora Faculdade de Serviço Social (nomenclatura modificada em 29 de março de 1967) passando a integrar a referida instituição.

## CAPÍTULO II – MADRE ALBERTINA BRASIL E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

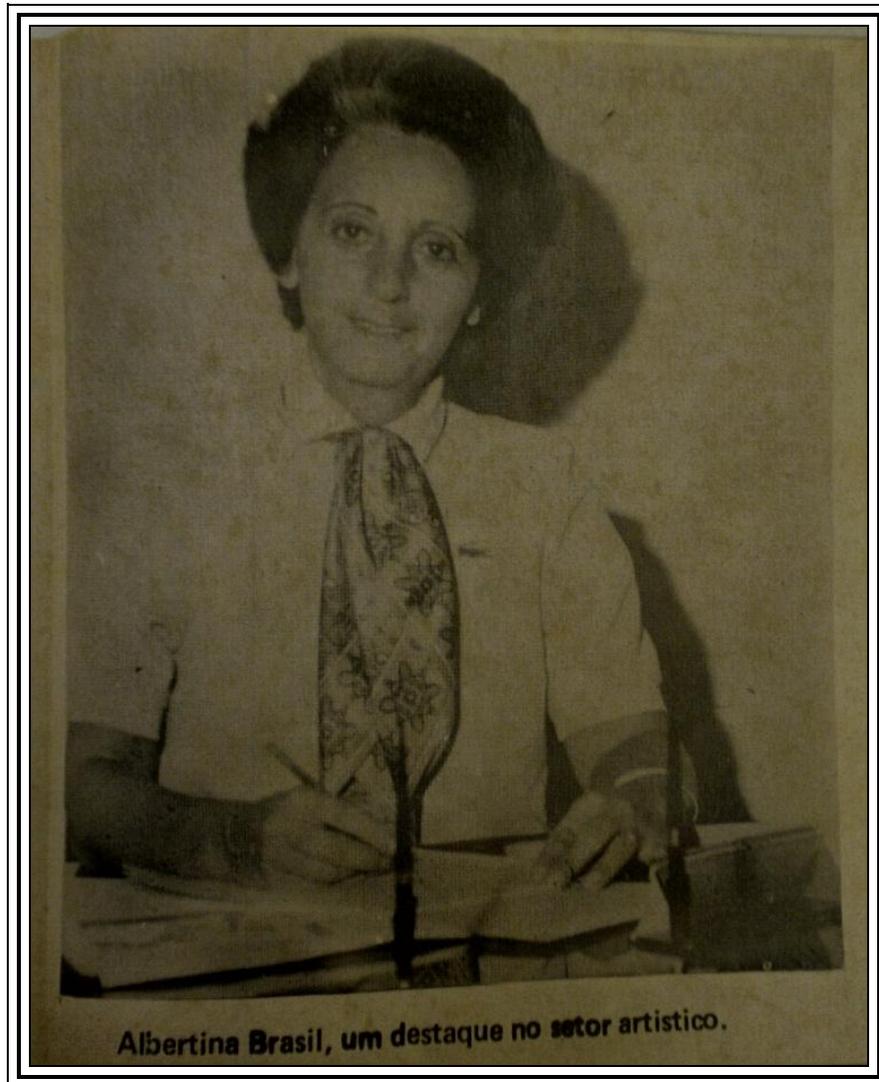


Fig. 10 – Albertina Brasil. Fonte: Arquivo Central da UFS

*“Teoricamente, a “extensão” é o elemento integrador do tripé existencial da nossa sociedade: Universidade - Governo - Povo” (Gazeta de Sergipe, 28 de dezembro de 1977, p. 3, ano XXI, nº 5.914)*

Instalada no ano de 1968, tendo a frente como primeiro reitor João Cardoso do Nascimento Júnior (1968 – 1972), procedem as mudanças iniciais ficaram por conta do desmembramento da Escola de Química, que possuía somente o curso de Química Industrial no Instituto de Química criando os cursos de Engenharia Química, Química Licenciatura e da Faculdade de Filosofia no qual surgiram o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e o Instituto de Letras, Artes e Comunicação.

Nessa nova etapa do Ensino Superior em Sergipe, Madre Albertina Brasil fica a frente da direção da Escola de Serviço Social até o ano de 1969 e de acordo com dados da entrevista realizada, passando então a trabalhar como assessora do reitor João Cardoso Nascimento Júnior, pois possuía grande experiência com a integração tendo desempenhado esse papel na Faculdade de Juiz de Fora. “Ela era assim uma assessora de tudo, de relações, de iniciação de tudo” (SANTANA, 2012)

Ainda de acordo com dados fornecidos pela professora Cândida Maria Fontes de Santana nessa fase de transição da Escola de Serviço Social ocorreu uma grande mudança na vida pessoal de Madre Albertina Brasil, de acordo com a entrevistada ela completou 25 anos de vida religiosa aqui no Estado, mas depois por motivos que ela não soube esclarecer, Madre Albertina Brasil afasta-se da congregação passando a ser conhecida como professora Albertina Brasil Santos.

Ela deixou de ser Madre após ter completado 25 anos de vida religiosa. A família dela veio fez festa, mas antes dos 28 anos ela deixou... Não é que ela rompeu com a congregação, porque continuou sendo querida e considerada. Acredito que ela já estava sentindo-se de certa forma limitada e ela tinha muita asa para voar (SANTANA, 2012).

A prática de estágios desenvolvida pela professora Albertina Brasil, na Escola de Serviço Social, com a implantação da UFS passa a ter nova dimensão, fazendo parte do tripé que rege as Universidades: ensino, pesquisa e extensão. Com essa nova etapa surge o Centro de Extensão Cultural e Atuação Comunitária (CECAC). Esse é o órgão que marca a ascensão da extensão na UFS.

O CECAC foi instalado oficialmente no dia 14 de agosto de 1971, pelo reitor João Cardoso Nascimento Júnior, contando com uma equipe composta de Assistente

Social, Sociólogo, Antropólogo, Médico e Engenheiro Agrônomo. Com grande experiência a frente dos estágios desenvolvidos a professora Albertina Brasil assume a diretoria do CECAC.

A finalidade desse órgão era a difusão da cultura, dos conhecimentos técnicos e científicos, por meio de estágios que envolviam alunos de diversas áreas. Esses estágios permitiam que os alunos tivessem um contato com a realidade construindo a relação teoria/prática, estendendo ao interior do Estado os benefícios da Universidade por meio da CRUTAC (Coordenação Rural Universitária de Treinamento e Ação Comunitária) contemplando também as áreas mais distantes por meio do CURBITAC (Coordenação Urbana de Treinamento e Ação Comunitária).

Em entrevista a professora Cândida Maria Fontes de Santana que foi supervisora de estágios conta como surgiu o mesmo,

Quando a Escola se integra e vira Departamento de Serviço Social, Albertina descobre em Natal a questão da extensão. A primeira Universidade no Brasil com programa de extensão foi a de Natal. E Albertina foi à primeira diretora do Centro de Extensão. A extensão correspondia a uma necessidade de estágios, mas não só de Serviço Social, mas de estudantes de Medicina e de outras áreas. Os estágios aconteciam em Boquim, em Lagarto... o projeto do centro de extensão chamado CECAC alcançando a área acadêmica e a área social (SANTANA, 2012).

A professora Maria Elisa da Cruz que também participou desse projeto fala da importância para os alunos desses estágios “[...] foi de uma riqueza singular, porque o aluno que passava pelo estágio do CECAC, tinha uma visão muito rica da realidade, porque ele podia aliar a teoria, a prática que ele iria vivenciar [...]” (CRUZ, 2012).

[...] a Escola de Serviço Social com a presença da professora Albertina teve uma força na criação, na pesquisa em tudo, porque era uma visão muito avançada. A extensão faz parte do tripé da Universidade que é ensino, pesquisa e extensão que tem um papel social extremamente fundamental, pois na medida em que você tira um aluno das quatro paredes de sala de aula e leva - o para comunidade é como se ele estivesse retribuindo para a sociedade e em contrapartida contribuir para uma formação do Pedagogo, do Assistente Social com uma visão relacionando teoria/prática [...] (CRUZ, 2012).

O CECAC foi realmente algo inovador para a época e para uma instituição que tinha acabado de nascer contribuindo com o desenvolvimento da consciência crítica da realidade, aproximando o aluno e sua comunidade e de acordo com o artigo 22 do Regimento deste órgão, os estágios posteriormente poderia ser convertido em créditos para os estudantes

As tarefas executadas por estudantes sob a forma de treinamento ou ação comunitária e execução dos programas oficiais do CECAC, aprovados pelos órgãos competentes, poderão constituir créditos no programa didáticos a que os mesmos estiverem submetidos. (Regimento do CECAC, 18 de maio de 1971, p. 13. Arquivo Central da UFS)

Ressaltando a época em que surgiu o CECAC, em pleno regime militar, uma época em que tudo era proibido e em que o conhecimento era algo limitado. Pensar em tirar os alunos da sala de aula e levá-los a campo para estarem em contato com a comunidade poderia para muitos parecer uma ousadia.

Pensar em fazer um corte histórico de Extensão Universitária (E.U) nos anos 70 e início dos anos 80, nos remete a focalizarmos alguns aspectos deste período no qual vamos verticalizar o nosso olhar. A sociedade não era homogênea nem linear de modo que um ponto fundamental a destacar é a contradição entre silêncio imposto pela ditadura militar e a própria dinâmica da sociedade civil quebrando resistências (SANTOS; GONÇALVES; CRUZ, 2001, p.40).

Essa “ousadia” também foi um fato destacado pela professora Maria Elisa da Cruz ao falar da determinação da professora Albertina Brasil em ter que convencer autoridades locais a aceitarem o desenvolvimento do projeto em suas comunidades tendo sempre o diálogo a seu favor para evitar possíveis confrontos.

A ousadia da professora Albertina em levar esse aluno que estava sendo formado na Universidade, em um momento em que existia dificuldade em se fazer uma leitura mais abrangente, como Marx, Gramsci que são autores que trabalhavam com uma realidade social, em um momento em que não era permitido [...] mostra o quanto ela possuía uma visão além do seu tempo (CRUZ, 2012).

Os estágios aconteciam em municípios como Lagarto, Boquim, Porto da Folha e seus povoados e na capital o estágio ocorria no bairro América que na época era uma área muito pobre da cidade. Ela, professora Maria Elisa da Cruz, fez questão de ressaltar também o quanto todos os alunos eram importantes, independentes do curso que fizessem. Estudantes de Medicina debatiam com estudantes de Pedagogia, com estudantes de Serviço Social, sendo que o mais importante era a produção de conhecimento.

No ano de 1972 comemorava-se no país o Sesquicentenário da Independência e a Universidade recém – criada não poderia ficar de fora dessa comemoração. Esse fato ocasionou o surgimento de um evento que marcou decisivamente a passagem de professora Albertina Brasil por Sergipe e o desenvolvimento de sua forte relação com os movimentos culturais, o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC). Geertz (1989) conceitua cultura da seguinte forma:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 4).

No desenvolvimento desse novo projeto, professora Albertina Brasil desvenda mais uma de suas vertentes, ou melhor de suas “teias” que é o seu envolvimento com a cultura, mostrando que além de sua forte relação com a educação a cultura também desempenhou um papel de destaque na sua vida e com isso nada melhor que o FASC, um evento no qual a diversidade cultural esteve presente.

A ideia de um evento comemorativo surgiu com o reitor João Cardoso do Nascimento Júnior, mais precisamente em abril de 1972, quando ele solicitou ao assessor de relações públicas da UFS, João Oliva Alves, que desenvolvesse uma proposta para inserir a instituição nos festejos nacionais. Ele sugeriu uma semana cívica – cultural que coincidissem com a Semana da Pátria.

A “proposta” que apresentei sugeria uma semana cívico – cultural coincidindo com a Semana da Pátria, aberta em 1º de setembro com uma entrevista coletiva do reitor à imprensa, sobre a passagem do Sesquicentenário, enfatizando o fator cultural no fortalecimento de uma consciência nacional autonomista e destacando o papel da UFS – então no seu quarto ano de fundada – na formação de quadros humanos e técnicos, em prol dessa autonomia (ALVES, 2008, p. 9).

Essa primeira ideia foi submetida à Comissão Central das Comemorações do Sesquicentenário, sendo presidida pela professora Albertina Brasil Santos. Na comissão, essa proposta inicial foi sendo lapidada por diversas sugestões, sendo as dos professores Clodoaldo de Alencar Filho e Núbia Marques as que faziam referência aos Festivais de Arte de Ouro Preto e Marechal Deodoro. Com uma variedade de sugestões decidiu-se que as manifestações artísticas aconteceriam em um grande Festival de Arte localizado na cidade de São Cristóvão, primeira capital de Sergipe, nascia assim o FASC. A comissão do FASC foi composta da seguinte forma: Maria Thétis Nunes, Clodoaldo de Alencar Filho, José Paulino da Silva, Balduino Ramalho, Paulo Rocha de Novaes, José Hermenegildo da Cruz, José Barreto Fontes, José Maria Rodrigues Santos, Antonino Cantos de Lima, Lea Maria Guimarães, Clea Maria Brandão Mendes, Félix D’Ávila e João Sampaio D’Ávila, tendo a professora Albertina Brasil como coordenadora geral do evento.

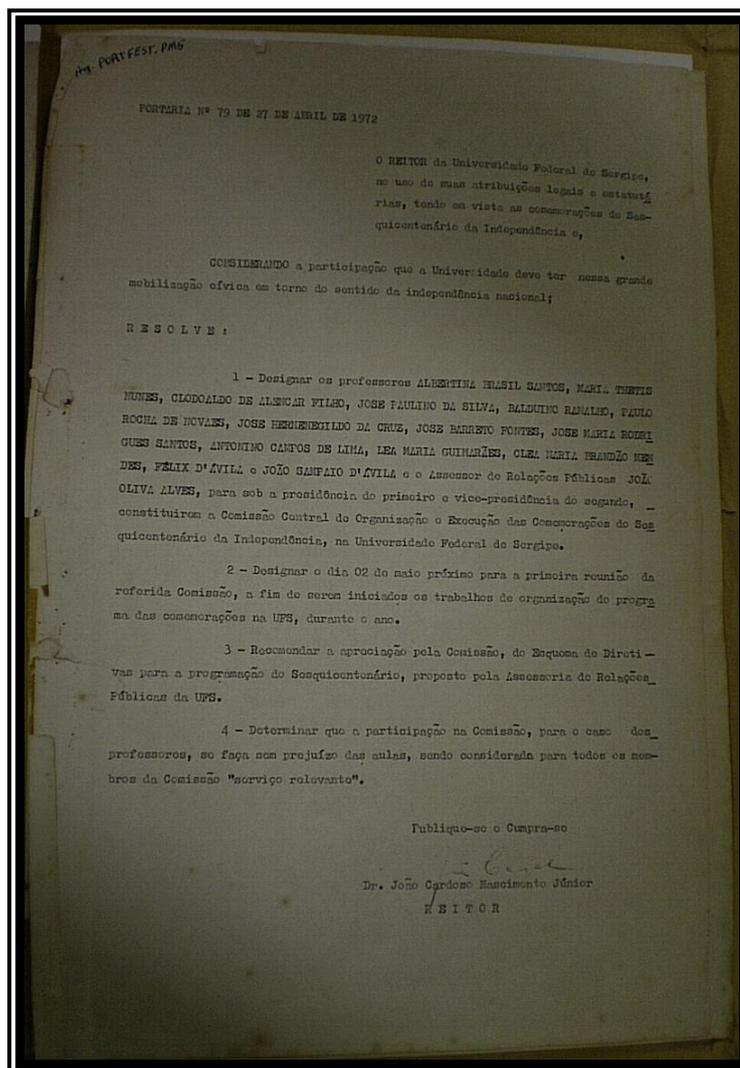


Fig. 11 – Portaria nº 79 de 27 de abril de 1972, no qual João Cardoso institui a professora Albertina Brasil como presidente da Comissão Central de Organização e Execução das Comemorações do Sesquicentenário da Independência. Fonte: Arquivo Central da UFS.

O reitor João Cardoso do Nascimento Júnior deu andamento ao FASC, mas em agosto de 1972 assume a reitoria da UFS Luiz Bispo<sup>10</sup> (1972 – 1976) este continua com os preparativos do evento. Evento esse que criou grande expectativa na população sergipana, sendo divulgado em diversos órgãos de imprensa que acompanharam passo a

<sup>10</sup> Luiz Bispo nasceu a 4 de julho de 1927, no povoado Barra de Ipanema, em Alagoas. Seus pais: Aureliano Bispo e Maria das Dores Bispo. Foi o segundo reitor da UFS (1972–1976); responsável pela implantação do curso de Engenharia Civil na instituição, em meados dos anos 70. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=26109&titulo=cidade>. Acessado em: 23 de abril de 2012.

passo sua construção. Como destaque em alguns jornais como o Jornal da Cidade (1972),

Ontem foi o dia da reunião para o chefe do governo. Depois da reunião de hoteleiros, tivemos uma reunião com representantes da Universidade Federal de Sergipe e da EMSETUR que foram expor os planos ao governador os planos para realização de 1º a 3º de setembro, do Festival de Arte de São Cristóvão. O Festival assinala a participação de Sergipe nas comemorações do Sesquicentenário da Independência. Foi pedido ao chefe do governo substancial ajuda para o êxito do empreendimento, que projetará Sergipe no cenário artístico nacional (Jornal da Cidade, 08 de julho de 1972, p. 1, nº110).

Na Gazeta de Sergipe (1972) trazendo o seguinte título, Festival de Arte da UFS no ano do Sesquicentenário

Como parte das comemorações em Sergipe do Sesquicentenário da Independência do Brasil está prevista para o mês de setembro a realização na cidade de São Cristóvão de um grande Festival de Arte promovido pela Universidade Federal de Sergipe (Gazeta de Sergipe, 28 de junho de 1972, p. 8. Ano XVII nº 4.761).

O mesmo jornal publicou uma foto da Comissão reunida na sede da reitoria na noite do dia 18 de agosto de 1972. A reunião que foi presidida pela professora Albertina Brasil tendo como objetivo a discussão da programação do Festival, contando com a presença de professores e órgãos colaboradores da UFS como a Empresa Sergipana de Turismo - EMSETUR.



Fig. 12 – Reunião da Comissão do Sesquicentenário da Independência. Fonte: Gazeta de Sergipe, 19 de agosto de 1972, p. 1. ANO XVII nº 4.805.

Ribeiro Filho (2008) também retrata o desenvolvimento do evento na cidade de São Cristóvão,

O evento cresce, invade praças, ruas e igrejas da cidade, ocupa os casarios antigos com salão de artes plásticas, fotografias, literaturas e cinema. Não há como ficarem alheios a tantas apresentações, estréias, recitais, peças, bailados e concertos. A cidade tomada pelo que há de melhor na produção artística do país enche-se de estudantes, hippies, artesãos, artistas, pesquisadores, boêmios, maconheiros, intelectuais e toda uma turba que noite e dia percorrem suas ruas, becos e vielas em busca da arte e da diversão (RIBEIRO FILHO, 2008, p. 72).

Reportando as manchetes dos jornais, Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade, o FASC I ocorreu no mês de setembro iniciando – se no dia 1º e tendo seu término no dia 3º do referente mês. Praças, igrejas, conventos, dentre outros serviram de cenário para as apresentações artísticas e culturais de diversas formas. Abaixo está o convite enviado pela professora Albertina Brasil para o coquetel de lançamento da Programação do Festival de Arte.

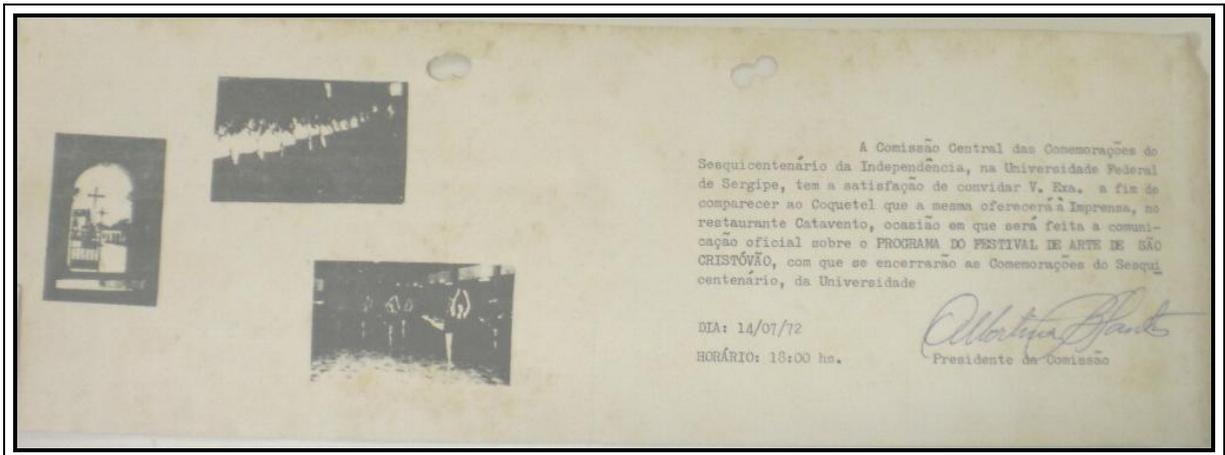


Fig. 13 - Convite de lançamento para o Projeto Festival de Arte de São Cristóvão. Fonte: Arquivo Central da UFS

Depois de muitas reuniões, é chegado o momento de abertura do FASC, no qual o reitor Luiz Bispo em seu discurso de abertura destaca a importância do evento:

Com este mesmo grandioso espetáculo temos a integração fabulosa da Universidade com a sua gente, numa festa de inteligência e de cultura, onde proclamamos os nossos mestres, os nossos intelectuais que ainda não se incorporaram á Universidade apesar de suas condições e habilidades, que nestes três dias serão comprovados através de conferencias, aulas, palestras, exibições artísticas, apresentação de obras e trabalhos. Universidades, intelectuais e povo sergipano neste Festival que anuncia o início de nossa extensão cultural, apresentarão todas as formas de manifestações artísticas e culturais. Nesta sintonização exemplar não estará a Universidade apenas oferecendo ao mesmo tempo em que oferece fica a colher o muito que a sua comunidade lhe outorga. E nesse vai e vem forçar a renovação tão sentida e necessária a cultura sergipana. É isto que a Universidade Federal de Sergipe se propõe a iniciar naquilo que a atual Universidade brasileira vem chamando de extensão cultural (Discurso de Luiz Bispo na Abertura do FASC em setembro de 1972, p. 2 e 3. Arquivo Central da UFS).

João Cardoso do Nascimento Júnior também discursou, já que, o mesmo contribuiu com o surgimento do evento e coube a professora Albertina Brasil o encerramento da abertura,

A Universidade que não se estende – que não tenha atividades extra – muros é uma Universidade morta. Uma grande prova de que a U. F. S. é dinâmica e cresce e se projeta conscientemente na Comunidade, é

este I FESTIVAL DE ARTE DE SÃO CRISTÓVÃO. A Universidade, como fonte do saber, compete à liderança cultural dos povos. E é exatamente o que buscamos nesse I FESTIVAL DE ARTE. A Comissão encarregada das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil na Universidade, consciente de que o dinamismo e a liderança cultural, são duas importantes características da Universidade moderna, leva a efeito esse Festival, convicta de que não poderia melhor comemorar a Independência de nossa Pátria, do que tentar reviver os valores culturais e artísticos, neste ambiente barroco – colonial e despertar novos talentos, entre a juventude. Aqui está o Festival com aquelas falhas próprias de quem estréia, correndo o risco, lançando - se numa aventura, emoldurada de beleza, de poesia de sinfonia de vozes e instrumentos. Confesso que, apesar da inexperiência sobre o assunto, a Coordenação Geral, representada por mim, envidou todos os esforços e lutou contra mil dificuldades, descréditos, venceu temores reais, para que hoje pudesse oferecer ao povo este Festival que é de todos (Discurso da professora Albertina Brasil, em setembro de 1972, p. 1 e 2. Arquivo Central da UFS).

O FASC foi realmente um grande sucesso. Abaixo os números que compuseram o evento.

### QUADRO III – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO I FASC

<b>Culturais</b>	
<b>Cursos</b>	<b>Número de Participantes</b>
História da Música	201
Jornalismo	190
Literatura Sergipana	170
<b>Seminários</b>	
Seminário de Cinema Alemão	50
Seminário do Processo da Independência Brasileira	70
<b>Lançamentos</b>	

3 tardes de autógrafos	9 autores sergipanos
1 exposição de pintura	20 pintores sergipanos
1 exposição de postais	“O mundo em postais” de Antonio Marcelino
Várias exposições artesanais	
<b>I Festival de Cinema Amador de Sergipe</b>	
Número de filmes inscritos	12
1º prêmio – Osmário Santos – “O caranguejo”	
2º prêmio – Vinícius Dantas – “A ética – 3 minutos”, “O Faraó”	
3º prêmio – Hunald Alencar e Jairo Andrade – “Uma ver em Oldunai”	
4º prêmio – Marco Prado Dias – “A morte do Templo”	
<b>Artísticas</b>	
3 concertos, 2 jograis, 1 tarde de criação, 1 espetáculo de ballet, 4 retretas, 1 apresentação de ginástica moderna (5 grupos), 2 shows de música popular, 1 espetáculo teatral, 5 apresentações folclóricas	
<b>Concurso de Fotografias</b>	
Número de fotografias inscritas	16
1º colocado	Selma Teles – “Expectativa”
2º colocado	Osmar Barreto – “Encontro”

Fonte: Relatório do I FASC. p. 1 e 2. Arquivo Central da UFS

O evento contou também com a colaboração das embaixadas da Alemanha, da França e dos Estados Unidos, tendo ainda visitas ilustres como a de Ariano Suassuna<sup>11</sup>, que em entrevista ao jornalista João Oliva Alves relatou a sua impressão com o Festival,

O Festival de São Cristóvão é um destes empreendimentos fundamentais, pelo que trazem de motivação popular em torno da cultura. Eu acho que ele apresenta um saldo bem positivo. Uma cidade como São Cristóvão é, toda ela um Museu, não só as praças e seus edifícios, mas a cidade inteira. Ela é um motivo de educação para o povo e eu acho que se deveria fazer uma propaganda sistemática diante da juventude para que ela se percebesse do valor da tradição, que não é contra a renovação verdadeira. Eu acho essa iniciativa da Universidade Federal de Sergipe extraordinária e que ela deve ser mantida ampliada e cada vez mais aprofundada (Diário de Aracaju, 7 e 8 de setembro de 1972, p. 2. Ano VII, nº 2.058)

Segundo dados da EMSETUR estiveram presentes 25.432 pessoas provenientes de 15 estados da União. O FASC foi realmente o primeiro grande passo para o desenvolvimento artístico e cultural em Sergipe. “De fato, a partir do FASC, o ambiente cultural sergipano desenvolveu – se sensivelmente” (ALVES, 2008, pág.11).

Com o grande sucesso do Festival, o reitor Luiz Bispo resolveu mantê-lo no calendário da instituição mantendo também a professora Albertina Brasil na Comissão Central do evento, que continuava à frente do CECAC e seguia com os preparativos para o II FASC. Ela e Luiz Bispo eram considerados as molas propulsoras para o desenvolvimento desse evento trabalhando em prol do desenvolvimento artístico – cultural.

A cada ano que o Festival era realizado o sucesso era maior e a professora Albertina Brasil foi ganhando cada vez mais destaque, sendo no ano de 1974, homenageada na Assembléia Legislativa com o título de cidadã sergipana. Ainda neste

---

<sup>11</sup> Ariano Vilar Suassuna, advogado, professor, teatrólogo e romancista, desde 1990 ocupa a cadeira número 32 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é Araújo Porto Alegre, o Barão de Santo Ângelo (1806-1879). Filho de João Suassuna e de Rita de Cássia Villar, Ariano estava com um pouco mais de três anos quando seu pai, que havia governado o Estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro, em consequência da luta política às vésperas da Revolução de 1930. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ariano-suassuna.jhtm>. Acessado em 03 de junho de 2012.

ano, mais precisamente em 22 de maio, foi encarregada pelo reitor da UFS, Luiz Bispo, para estruturar o Departamento Cultural e Artístico da Universidade. Surgia então a CULTART (Coordenação de Cultura e Arte) no qual ela foi à diretora e tinha o objetivo de estimular de todas as formas o desenvolvimento cultural do Estado; promovendo adequada canalização das manifestações artísticas dos estudantes e convertê-los em veículos de cultura. Programas relacionados à cultura que antes não estavam atrelados a um órgão específico passaram a compor o CULTART, como o Coral Universitário<sup>12</sup>, Grupo Expressionista<sup>13</sup>, Madrigal de Professores<sup>14</sup> e o Teatro Universitário criado neste ano.

O CULTART surgiu em decorrência do sucesso do Festival de Arte, e nessa época não existia na Universidade cursos relacionados à arte, mas ela já articulava cursos com o Imbuuçã<sup>15</sup> e os grupos culturais dentro do Estado fazendo toda essa articulação (CRUZ, 2012).

A professora Albertina Brasil começava a trabalhar de forma mais precisa com valores que ela considerava tão importantes como o ensino e a pesquisa que era a disseminação dos valores culturais. A CULTART manteve também uma colaboração incentivando os grupos artísticos existentes na comunidade, sejam em auxílio a espaços para ensaios, cursos, contribuindo com o que estivesse ao seu alcance. O Grupo

---

<sup>12</sup> Coral Universitário foi criado em 1968 formado por estudantes de várias Faculdades de Sergipe, alguns funcionários e membros da comunidade local. Fonte: **Relatório Conjunto das Atividades Artísticas – 1974**, p.10.

<sup>13</sup> Iniciou – se em 1966 renascendo no ano de 1973 com a colaboração da U. F. S, vez que a maioria de seus integrantes era da UFS. A difusão da arte teatral, as experiências no setor expressivo, a busca de novas maneiras de fazer do corpo um meio de comunicação, foram, de um modo geral os objetivos do Grupo. Fonte: **Relatório da Coordenação de Cultura e Arte**, 1976, p. 09.

<sup>14</sup> Foi criado em 1973 o Madrigal da UFS, sendo formados por professores da casa, o qual era regido pelo maestro Antônio Carlos Plech, tendo feita sua primeira apresentação no dia 29 de novembro de 1973. Fonte: **Relatório de atividades**, 1974, p. 11

<sup>15</sup> O Grupo Imbuuçã surge, em 1977, na cidade de Aracaju, em Sergipe. Tem como base teatral a literatura de cordel e é conhecido pelos espetáculos feitos a partir de cursos e oficinas promovidos pela companhia na área de arte-educação, destinados à população carente da cidade. Sem fins lucrativos, seu palco é a rua e tem o reconhecimento de utilidade pública municipal, estadual e no Conselho de Cultura do Estado de Sergipe. Disponível em: [http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/Grupo\\_Imbuuca%C3%A7a](http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/Grupo_Imbuuca%C3%A7a). Acessado em 03 de junho de 2012

Raízes<sup>16</sup>, o Grupo D' Aqui<sup>17</sup> e o Conjunto Pró – Música de Sergipe<sup>18</sup> são exemplos de manifestações artísticas da comunidade incentivadas pela CULTART.

A CULTART procurou colaborar, na medida de suas possibilidades, com alguns grupos artísticos da Comunidade com o objetivo de possibilitar sua subsistência, patrocinando apresentações oferecendo cursos, ajudando na divulgação e impressão de seus programas e mesmo conseguindo locais para ensaios e apresentações. As melhores apresentações foram incluídas no calendário artístico com pequena ajuda financeira, como cachet simbólico. Esta colaboração permitiu maior integração e compatibilidade para as manifestações culturais de nosso meio (Relatório – Coordenação de Cultura e Arte da UFS, 1976, p. 14. Arquivo Central da UFS).

Sempre a frente de cargos importantes dentro da história da UFS, professora Albertina Brasil tornava-se uma pessoa cada vez mais influente e experiente em tudo que relacionava – se a extensão, sendo convidada no ano de 1975 a participar da Comissão que delineou as diretrizes básicas da Extensão Universitária em todo o Brasil como representante da UFS. O trabalho realizado pela professora Albertina Brasil era reconhecido por todos, como no editorial do Diário de Aracaju,

Por um dever de justiça deve-se destacar o empenho da professora Albertina Brasil no sentido de desenclausurar a Universidade de Sergipe levantando-a a uma tentativa válida de libertação de concepções anacrônicas que infelizmente ainda dominam alguns setores das Universidades brasileiras (Diário de Aracaju, 19 de janeiro de 1975, p.4).

Com o término da gestão do reitor Luiz Bispo teve início da administração do novo reitor, o economista José Aloísio de Campos<sup>19</sup> (1976 – 1980). Mudança de reitor, mas não da direção de Cultura e Arte da UFS. O reitor Aloísio de Campos continuava

---

<sup>16</sup> O grupo tinha o objetivo de estudo, pesquisa, desenvolvimento e apresentações de peças teatrais infanto - juvenis. Fonte: **Relatório Coordenação de Cultura e Arte**, 1976, p.14.

<sup>17</sup> Surgiu em 1975, tendo como coordenador o acadêmico Antônio Henrique Teixeira de Souza. Fonte: **Relatório Coordenação de Cultura e Arte**, 1976, p. 14.

<sup>18</sup> Conjunto de música erudita formado no início de 1975. Em 1976 tornou – se Associação, com apoio da Comunidade, da Secretaria de Educação e Cultura e Universidade Federal de Sergipe. Fonte: **Relatório Coordenação de Cultura e Arte**, 1976, p. 14

<sup>19</sup> Terceiro reitor da UFS no período de (1976 -1980).

prestigiando o trabalho da professora Albertina Brasil dando nova sede ao CULTART, que não possuía um espaço físico, funcionando em uma sala da reitoria.

O aluguel do prédio foi visto como um ato de valorização da área cultural. O prédio em questão ficava localizado na Rua de Itabaiana, nº 556, com o novo espaço esperava-se que o trabalho pudesse fluir da melhor forma possível. Em entrevista concedida ao jornal Tribuna de Aracaju, a professora Albertina Brasil pede a colaboração para que essa extensão aconteça de fato.

Para que a CULTART possa realmente atingir de maneira satisfatória seus objetivos, necessita do apoio e colaboração das unidades universitárias entidades congêneres e de todos aqueles que acreditam que, além do ensino e da pesquisa, a Universidade deve promover e estimular as atividades do setor artístico atendendo aos seus objetivos ligados a extensão cultural (Tribuna de Aracaju, 24 de junho de 1977, p.4).

Por causa do seu grande envolvimento com a extensão nos trabalhos relacionados ao desenvolvimento cultural da UFS, a professora Albertina Brasil começa a construir uma relação com a Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, fundação que manteve alguns contratos de investimento com a UFS relacionadas às atividades artísticas. Viajando sempre para o Rio de Janeiro, local onde era a sede da instituição, tal envolvimento seria mais tarde decisivo para sua vida.

Tendo o estudante em sua Universidade incentivo para o desenvolvimento de projetos culturais surgiu à oportunidade de remuneração pelo trabalho que desenvolvesse, para isso surgiu a Bolsa Trabalho/Arte. Esse programa foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) juntamente com o programa dos Departamentos de Assistência ao Estudante (DAE) e de Assuntos Culturais (DAC).

A professora Albertina Brasil foi encarregada pelo reitor Aloísio de Campos como presidente da Comissão encarregada do planejamento, execução e supervisão do programa Bolsa Trabalho/Arte da UFS. O projeto foi assinado no dia 21 de maio de 1976 na cidade do Rio de Janeiro, sendo destinado prioritariamente a alunos do curso de Arte ou que manifestassem tendências artísticas.

Coube a Universidade Federal de Sergipe através da CULTART, vez que não possui escolas ou institutos de artes, administrar o funcionamento do presente Programa colocando à disposição dos bolsistas seus recursos humanos, instalações e demais recursos

instrumentais de trabalho (Relatório – Coordenação Cultura e Arte, 1976, p.17. Arquivo Central da UFS).

Os candidatos a bolsa deveriam obedecer aos seguintes critérios: possuir tendência artística, estar engajado em algum grupo artístico da UFS ou da comunidade, ter rendimento escolar satisfatório e ter carência sócio – econômica, quando estivesse aliada a tendência artística. A bolsa era no valor de Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros), tendo o aluno o dever de atingir no máximo 20 horas semanais, de acordo com sua disponibilidade. As bolsas poderiam ser anuais, para o estudante universitário que fosse responsável por um dos grupos artísticos da UFS, ou de outros sob a coordenação da CULTART, ou poderiam ser móveis em um período de 3 a 4 meses, a todos os alunos que participassem de qualquer grupo, seja da UFS ou da comunidade.

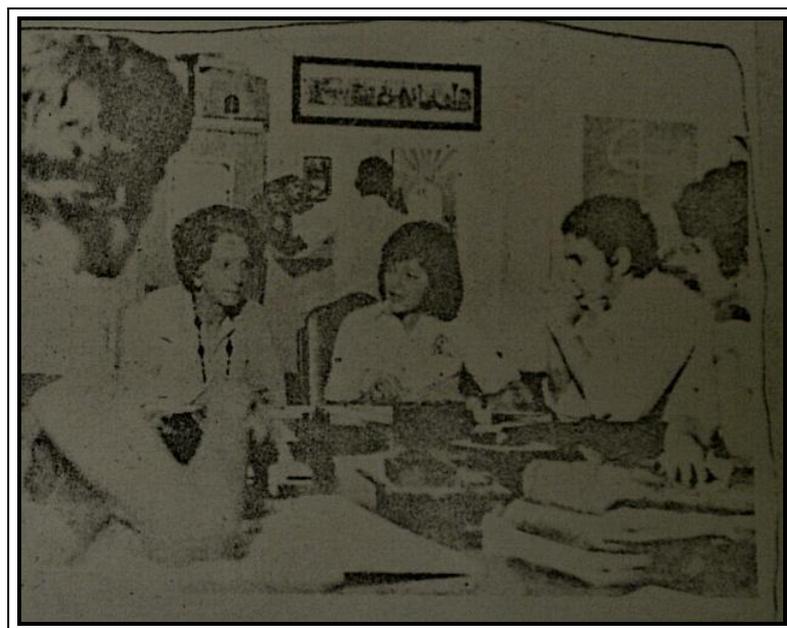


Fig. 14 – Reunião da professora Albertina com a assessora do MEC e representantes de grupos artísticos da área universitária. Fonte: Jornal da Cidade, 10 de abril de 1976, p. 1. Ano V, nº 1.204.

As áreas de concentração do projeto eram o teatro, a música e o cinema. O plano de aplicação do programa Bolsa Trabalho/Arte contou com a participação da professora Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar, professor Clodoaldo de Alencar Filho, professora Maria Olga de Andrade, da professora Albertina Brasil e de dois representantes do

diretório central dos estudantes. O MEC fornecia ajuda de custo e a UFS daria condições de local, montagem, apoio e material necessário ao bom desenvolvimento. Mais um grande movimento que contribuiu para a expansão da extensão universitária.

No ano de 1976, a professora Albertina Brasil acaba sendo acometida por um câncer de mama indo para o Rio de Janeiro fazer tratamento. Mesmo em um momento sensível ela demonstra sua preocupação com a instituição em uma carta endereçada ao reitor Aloísio de Campos quando estava no Rio para tratamento,

Dr. Aloísio, já a meio do caminho de meu tratamento médico, tudo corre bem. Estou enviando ao Dr. Gama<sup>20</sup> para estudo o Plano Orçamentário para 1976 que objetiva, sobretudo a possibilidade de inclusão no orçamento das entidades de cultura de âmbito nacional. O plano da CULTART inclui todas as atividades até hoje vinculadas ao meu serviço. Com Dr. Rubens e Alencar<sup>21</sup>, Dr. Gama pode montar o plano e apresenta-lo a sua apreciação. Aqui no Rio estou à disposição da Universidade para qualquer contato com os órgãos citados ou outros, pois estou com tempo disponível e podendo sair para outras providenciais que não sejam as exclusivas de saúde. Terei prazer em servir a U.F.S. (Carta da professora Albertina Brasil, 30/10/76, p. 1. Arquivo Central da UFS)

A professora Albertina Brasil retornou a Sergipe no final do decorrente ano. Sua trajetória parecia estar chegando ao final dentro da UFS. No ano de 1978, o reitor Aloísio de Campos acaba cedendo-a pelo prazo de dois anos para a FUNARTE. No documento o prazo foi de dois anos, mas ela não retornaria mais para o desenvolvimento do seu trabalho na UFS. Encerrava sua história dentro da UFS.

---

<sup>20</sup> Dr. Gama - professor José Lopes Gama, vice - reitor de Aloísio de Campos.

<sup>21</sup> Dr. Rubens – Rubens Mendonça Alves e Dr. Alencar – Clodoaldo de Alencar Filho.

### CAPÍTULO III – PROFESSORA ALBERTINA BRASIL E A INCLUSÃO DO ARTISTA PORTADOR DE DEFICIÊNCIA



*"Admito que o deficiente seja vítima do destino, mas não posso admitir que seja vítima da indiferença."*

*John Fitzgerald Kennedy*

Fig. 15 – Professora Albertina Brasil. Fonte: DSS da UFS

Com todo o histórico de projetos desenvolvido pela professora Albertina Brasil em Sergipe, a vida a conduz por outros caminhos, não tão distantes da cultura e do seu desejo de servir. A saúde afasta – a do povo sergipano e a leva a ser uma cidadã do mundo.

Professora Albertina Brasil se tornou membro da FUNARTE, cedida pela UFS pelo prazo de dois anos, prazo esse que se restringiu apenas ao papel, pois foi uma viagem sem volta. Mesmo na FUNARTE a professora Albertina não esqueceu – se da UFS. No ano de 1982 ela esteve no Estado para incluir a UFS no “Projeto

Universidade” projeto que visava a integração cultural das Universidades com sua comunidade, no qual a FUNARTE estava à frente.

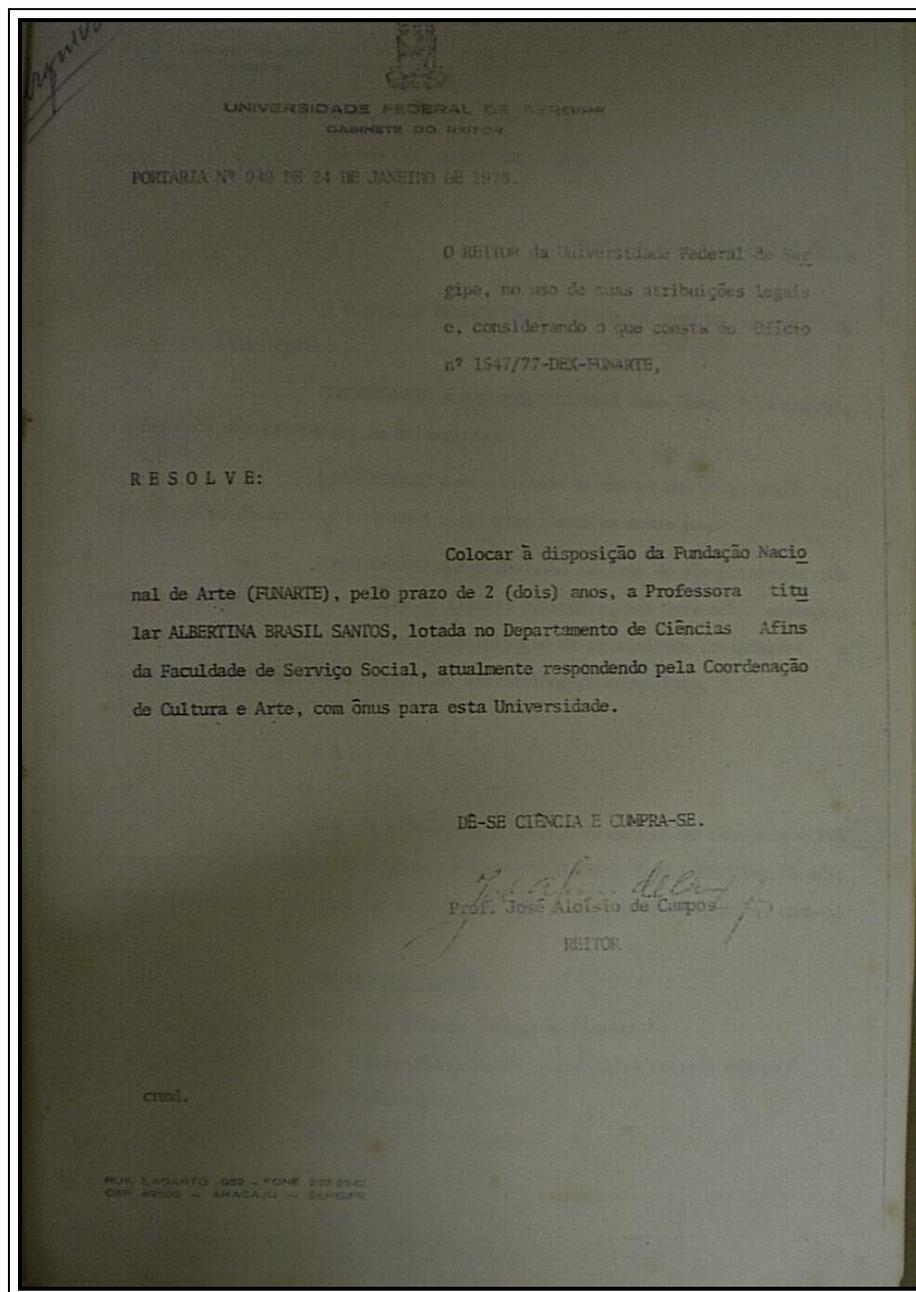


Fig. 16 – Portaria 949 de 24 de janeiro de 1978 cedendo a professora Albertina Brasil à FUNARTE. Fonte: Arquivo Central da UFS

Nessa nova etapa da vida da professora seu estado de saúde merece grande destaque, sendo acometida por um grave problema, pois depois de ter superado o surgimento de um câncer, agora era a perda de 80% de sua visão, em virtude de um transtorno raro e hereditário, o pseudoxantoma elástico, resultado da degeneração de

alguns tecidos de determinada parte do corpo. Para uma mulher extremamente ativa, ágil, sentir – se fisicamente dependente não deve ter sido fácil. Em entrevista com a professora Cândida Maria Fontes de Santana (2012) a perda da visão não fez com que ela passasse a sentir- se incapaz.

Não vinha a Aracaju sem fazer uma visita em minha casa, mas não se fazia de deficiente visual, a única coisa que ela fazia era perguntar, este prato aqui do meio é o que? Quer dizer a distância, mas ela se servia, não precisava ninguém sentar ao lado dela cortando carne para ela. Era elegante, sempre para cima, claro que ela deve ter tido seus momentos de baque, porque uma mulher cheia de vida afetada por um ano de câncer, depois pela visão, mas ela não parou [...] (SANTANA, 2012).

Entendo que por estar vivenciando a deficiência visual no seu dia a dia e por sua forte relação com a cultura, a professora Albertina Brasil começou a estabelecer uma relação com projetos voltados para os artistas deficientes, já que a mesma encontrava – se em uma situação delicada.

No ano de 1988, ela viajou para os Estados Unidos e em sua capital Washington conheceu o Very Special Arts, um programa voltado para o desenvolvimento, promoção e inclusão de artistas com deficiência em projetos e programas relacionados à cultura. Esse programa foi fundado em 1974 pela Sra. Jean Kennedy Smith, irmã do presidente John F. Kennedy, no Kennedy Center Performing Arts.

Retornando ao Brasil, a professora Albertina Brasil sente – se tocada com o que encontrou nos Estados Unidos e determinada em fazer com que o nosso país fosse o 53º a aderir ao programa americano. Ela sentia a necessidade de construir um espaço que fosse propenso ao diálogo entre a arte e a inclusão. Com o apoio da FUNARTE e de muitos colaboradores, no ano de 1990 criou o comitê brasileiro, intitulado de Associação VSA Brasil (Vida, Sensibilidade e Arte); uma organização não governamental, sem fins lucrativos, depois reconhecidos como de utilidade pública federal e municipal dando origem conseqüentemente ao Programa Arte Sem Barreiras, sendo incorporado oficialmente a FUNARTE no ano de 2003.

A crença difundida pelo senso comum, de que a melhor coisa para as pessoas deficientes seria que elas se tornassem “normais” deixassem de ser deficientes ou fossem “curadas” é um equívoco bastante comum (LIMA, 2006, p. 131).

Preocupada com essa sociedade em parte excludente e preconceituosa que não acredita que um portador de deficiência possa desenvolver algum tipo de arte, o Programa Arte Sem Barreiras vem como grande incentivador para permitir que qualquer pessoa, seja ela portadora de algum tipo de deficiência ou não, sinta – se a vontade para expressar seus desejos. Juntamente com a professora Albertina Brasil na idealização desse programa estava Rita Maria Aguiar, atual coordenadora do Programa Arte Sem Barreira da FUNARTE. Ela conta como conheceu a professora e a origem do projeto.

Em 1984, estiveram no Brasil Joanne Grady (diretora do Very Special Arts Internacional) e Earl Copus (Presidente de Melwood Training) e Laurie Larhrop, antropóloga, que vieram a convite das professoras Olívia Pereira e Sara Couto César através do Partners of América. Companheiros das Américas (Partners of América) é uma grande associação que realiza intercâmbios entre Brasil e Estados Unidos. Nessa ocasião, eu respondia pela Diretoria Executiva. Assim, nos endereçam, para avaliação de intercâmbio, duas propostas: Projeto Centro de Vida Independente - idealizado por Rosângela Berman – e o Projeto Artes para pessoas com visão reduzida, apresentado por Albertina Brasil Santos. As duas propostas foram aceitas pelo conteúdo significativo e necessário. Realizou – se intercâmbio e na volta, Albertina e um grupo de idealistas conscientes da responsabilidade, montaram a Associação Very Special Arts/Arte Sem Barreiras com o apoio da FUNARTE, em parceria com dezenas de instituições de, para e com pessoas com deficiência, secretarias de cultura, universidades, entre outras associações. (AGUIAR, 2005, p.49)

Para a professora Albertina Brasil a proposta fundamental desse programa no Brasil era o de proporcionar e divulgar a arte da pessoa que porta uma deficiência e que até o momento estava apagado na sociedade, marginalizado, porque uma parcela da sociedade não o credenciava como capaz em desenvolver tal atividade.

A educação inclusiva é uma conquista indiscutível. No contexto da inclusão, o ensino da arte apresenta possibilidades importantes na busca de caminhos efetivos para que todos os alunos, sobretudo aqueles com necessidades especiais, possam vivenciar expressões, contribuindo para a construção do conhecimento e o exercício pleno da cidadania, sem discriminações (MEC, 2002, p.14).

Com o objetivo de fazer uso da Arte como mecanismo de inclusão, tendo aulas de pintura e dança, mas visando a construção de “linguagem artística” permitindo ao

aluno a possibilidade de ser um leitor e de se expressar por meio das diversas linguagens artísticas. O Ministério da Educação juntamente com a Secretaria de Educação Especial com a coordenação da professora Albertina Brasil no ano de 2002 relataram em um documento “Estratégias e orientações sobre artes – Respondendo as necessidades especiais”, a função que a mesma desenvolve na formação de uma sociedade inclusiva.

A Educação Escolar busca formar o cidadão, de modo sistematizado. Constitui tal formação as aprendizagens das diversas linguagens, por meio das quais a humanidade tem se expressado ao longo da história e organizado suas visões de mundo. Assim, além da linguagem falada e escrita, as linguagens artísticas constituem um universo rico e importante, por meio do qual, pessoas de diferentes culturas e épocas podem se expressar, se comunicar, tornando-se parte efetiva de seu contexto sociocultural. Portanto, ser capaz de ler e de se expressar utilizando-se de linguagens artísticas é uma forma de conhecimento que possibilita a inclusão, cabendo às escolas garantir tal aprendizagem a todos os seus alunos. Nesse sentido, o ensino de arte assegura, além da produção artística por parte do aluno, a formação de público/leitor sensível, aberto ao conhecimento da diversidade de realizações em arte à qual possa ter acesso. A inclusão por meio do conhecimento das linguagens é reafirmada, sobretudo, por representar alternativas de comunicação e de expressão a alunos com necessidades educacionais especiais. Ressalta-se que, em todas as ambiências de construção dessas aprendizagens, a família exerce o papel fundamental de intermediar as relações entre as pessoas com necessidades educacionais especiais e a conquista do espaço de inclusão escolar e social para o desenvolvimento pleno do ser humano (MEC, 2002, p. 14)

A existência da parceria entre a Fundação Nacional de Arte e o Ministério da Educação foi fundamental para o desenvolvimento do projeto. Essa parceria entre a Secretaria de Educação Especial do MEC com a Associação Vida Sensibilidade e Arte/Programa Arte Sem Barreiras/Very Special Arts do Brasil, tinha o objetivo de capacitar professores para atuar com alunos de necessidades educacionais especiais. Esses cursos de capacitação em Arte ocorreram em Santa Catarina, Sergipe, Minas Gerais, Pará e Distrito Federal.

Em Sergipe, esse movimento chegou no ano de 1997 tendo a coordenação da professora Maria Olga Andrade, presidente da Sociedade Filarmônica de Sergipe

(SOFISE). Em entrevista realizada com a mesma, ela contou sobre o seu envolvimento no projeto e de sua impressão quando conheceu o mesmo nos Estados Unidos.

Fui ao fundo e lá tinha um teatro para ópera, para música, câmara, um teatro muito bom e dentro eles faziam os trabalhos sociais. Quando eu ia saindo do teatro e estavam lá uns folhetos e eu peguei um desses folhetos, mas eu não tinha nenhuma pretensão de desenvolver o projeto quando peguei. E vim para o Brasil e vi a beleza daquele trabalho que estava sendo feito lá. Posteriormente em contato com Albertina ela me disse que a irmã de Kennedy que tinha uma irmã também portadora de deficiência e criaram esse programa lá... então ela foi convidada para desenvolver esse trabalho aqui no Brasil e sendo de Aracaju e eu tendo sido colega, amiga dela, viu aqui na SOFISE um lugar maravilhoso para eles (ANDRADE, 2012).

Na SOFISE as crianças tinham cursos de violão, canto e teclado. Através desses cursos eles fizeram várias apresentações no Estado e fora dele. O projeto não tinha o objetivo de profissionalizar os jovens, nesse segmento a professora Maria Olga Andrade destaca Lucas Aribé, deficiente visual, que se profissionalizou cantando e tocando teclado. A SOFISE foi realmente um ponto de encontro desses jovens, tanto que a professora relata que os viu crescerem, presenciando as primeiras paixões, sendo a SOFISE realmente sua segunda casa.

Infelizmente a vida não é feita só de belas histórias e no dia 05 de janeiro de 2004 no estado de Minas Gerais em um passeio de carro com a amiga Maria Lúcia Godoi o carro em que estavam sofre um acidente. Morre Albertina Brasil Santos, uma mulher que deu sempre sua contribuição por onde passou. Sua morte deixou seus amigos e todos que admiravam o trabalho que realizava órfãos e se perguntando o porquê de tal acontecimento. “Sua morte foi uma perda irreparável [...] para mim ela não está morta” (CRUZ, 2012).

Foi no comecinho do ano, dois ou três de janeiro. Foi depois do réveillon. Estavam passeando normalmente e teve uma batida que atingiu o lado de Albertina e não o de Leila. É a justificativa que a gente quer da vida (SANTANA, 2012).

A morte da professora Albertina Brasil não encerra o capítulo dessa história. Como forma de homenageá-la foi criado o Festival de Arte Sem Barreira Albertina

Brasil, idealizado por Roberta Puccetti coordenadora do Ciad (Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente), tendo ocorrido o I Festival no Auditório Dom Gilberto no Campus I da PUC de Campinas em São Paulo, nos dias 7 e 8 de novembro de 2006. Ritamaria Aguiar fala da importância desse evento.

Os Festivais e as Mostras de Arte Sem Barreira são os canais encontrados para tornar arte da pessoa com deficiência, nos quais as pessoas que não tinham voz nem espaço na sociedade têm a oportunidade de mostrar sua arte e sua capacidade (JORNAL DA PUC DE CAMPINAS, 2006, p.5).

Abaixo, imagem da apresentação do I Festival de Arte Sem Barreira Albertina Brasil.

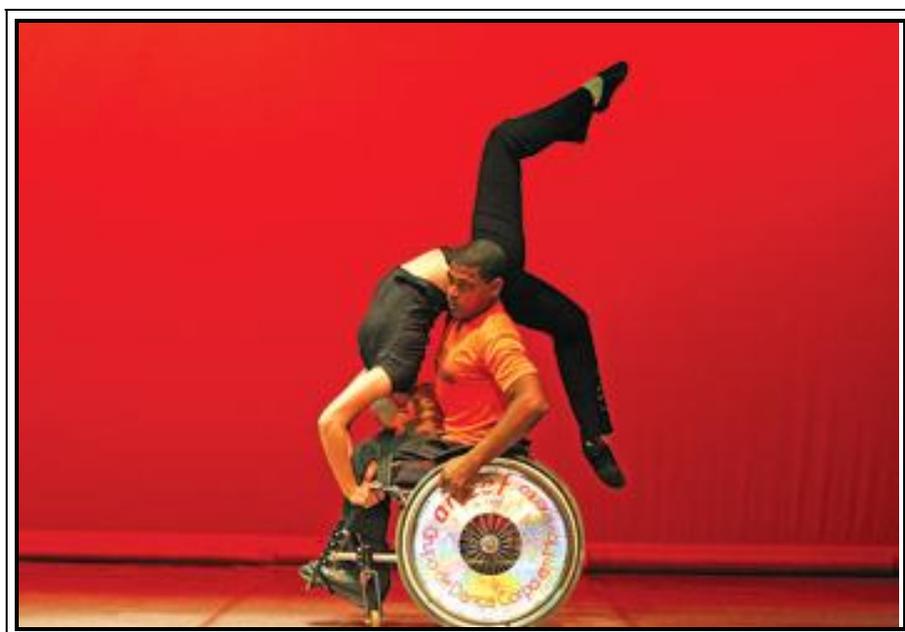


Fig. 17 – Apresentação do I Festival de Arte Sem Barreira Albertina Brasil com os bailarinos Camila Rodrigues e Marcos do Nascimento da Companhia Corpo em Movimento ocorrido nos dias 7 e 8 de novembro de 2006 na PUC de Campinas. Fonte: [http://www.puc-campinas.edu.br/rep/imprensa/jornaldapuc/pucc\\_ed38.pdf](http://www.puc-campinas.edu.br/rep/imprensa/jornaldapuc/pucc_ed38.pdf)

E Roberta Puccetti fala da importância da Arte no desenvolvimento de um ser,

Entendo que a função social e ética da arte tem origem na sua concepção como produção social humana, que não fragmenta o homem entre ser racional e ser sensível, pois transita entre o

inteligível e a sensibilidade, além de possibilitar o acesso ao outro, de reconhecer, na produção artística, o outro que fala que reage e que se opõe a nós. Nessa perspectiva plural, a arte é uma forma de produção social, dotada de com-preensibilidade e autonomia, que expressa no todo o seu criador e o seu fruidor. Arte é construção de linguagem, modo singular de reflexão humana, onde interagem o racional e o sensível. O processo criativo, enquanto materialização do fazer é pura intencionalidade. Portanto, insere-se num processo amplo o que revela o universo de cada ser, seu olhar, sua visão de mundo, num contexto de interação social, referindo-se a um registro geral de acontecimentos e envolve a interioridade e a contemplação, desencadeando a atribuição de significados, carregando consigo as potencialidades cognitivas (PUCETTI, 2005, p. 210 e 211).

Para se ter a dimensão da importância do trabalho que desenvolveu em vida com os artistas portadores de deficiência, no ano de 2008 a Escola de Gente – Comunicação em Inclusão em parceria com o Ministério da Cultura (MinC) lançaram o prêmio Albertina Brasil considerada, por eles como a principal responsável pela criação do maior e mais conceituado movimento nacional da cultura pela inclusão.



Fig. 18 – Logotipo do prêmio Albertina Brasil. Fonte: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/premio-arte-e-cultura-inclusiva-2011selecionara-30-iniciativas-realizadas>

O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE) faz a seguinte afirmação sobre a professora Albertina Brasil:

Albertina Brasil Santos é uma personalidade considerada como ícone na defesa dos direitos de inclusão das pessoas portadoras de deficiência. Deixa como legado um exemplo de dignidade e coragem frente aos desafios que enfrentou durante a sua estada entre nós, em

prol do resgate do potencial humano. A sua memória estará sempre presente e será recordada pela pessoa que foi e por aquilo que fez, por toda a delicadeza que sempre dispensou aqueles que tiveram o privilégio de usufruir da sua companhia, pelo testemunho que deixa de grande empenho e dedicação a causas justas em prol da inclusão das pessoas com deficiência, buscando a eliminação das barreiras por meio da arte ([WWW.fenalbertina.com.br](http://WWW.fenalbertina.com.br)).

Também no ano de 2008 surge em Sergipe, com sede em Nossa Senhora da Glória a Federação Nacional de Arte Albertina Brasil (FENAB), sendo uma instituição que tem como finalidade o desenvolvimento artístico, cultural, educacional e social dos portadores de deficiência. Nesse município existe ainda um projeto chamado Luz do Sol, projeto este que participou do início desse movimento na SOFISE.

Posso dizer que essa história ainda segue, prova disso é que no ano de 2011 esteve aqui em Sergipe a V Mostra Nacional de Arte Sem Barreira Albertina Brasil. Um lindo espetáculo, um misto de amor, emoção, respeito, algo digno de sua idealizadora. Nessa mostra aconteceram como de costume apresentações artísticas, palestras, exposições que aconteceram tanto na capital, como em Nossa Senhora da Glória e Simão Dias.

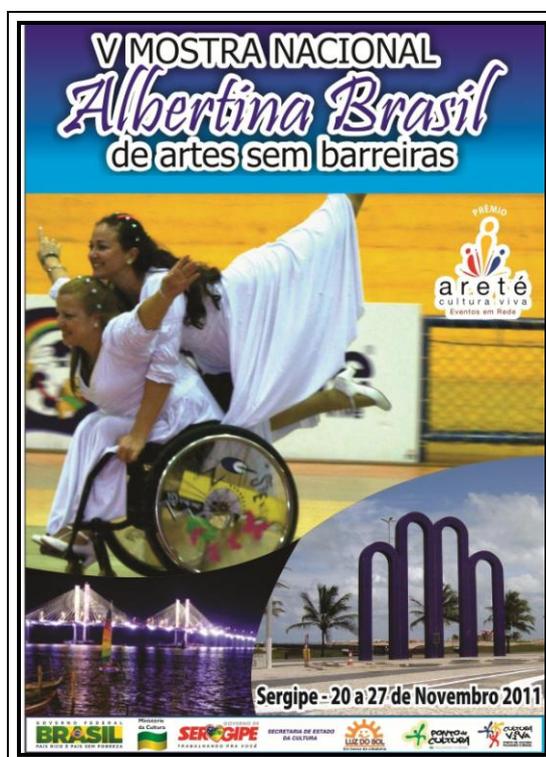


Fig. 19 – Folder da V Mostra Nacional Albertina Brasil de Artes Sem Barreiras ocorridos entre os dias 20 a 27 de novembro de 2011 no estado de Sergipe. Fonte: Acervo Pessoal

Nessas apresentações ocorridas no dia 20 de novembro de 2011 no teatro Tobias Barreto na cidade de Aracaju, pude estar presente e ver o quanto a professora Albertina Brasil é importante para cada um daqueles artistas que sabem o quanto são bons na arte que desenvolvem. A cada entrada era uma surpresa. Cantores, bailarinos, instrumentistas superando suas dificuldades e o preconceito velado da sociedade em nome do que mais amam sua arte. A seguir algumas fotos da mostra.



Fig. 20 – Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil ocorrido no dia 20 de novembro de 2011 na cidade de Aracaju, no teatro Tobias Barreto. Fonte: Acervo Pessoal

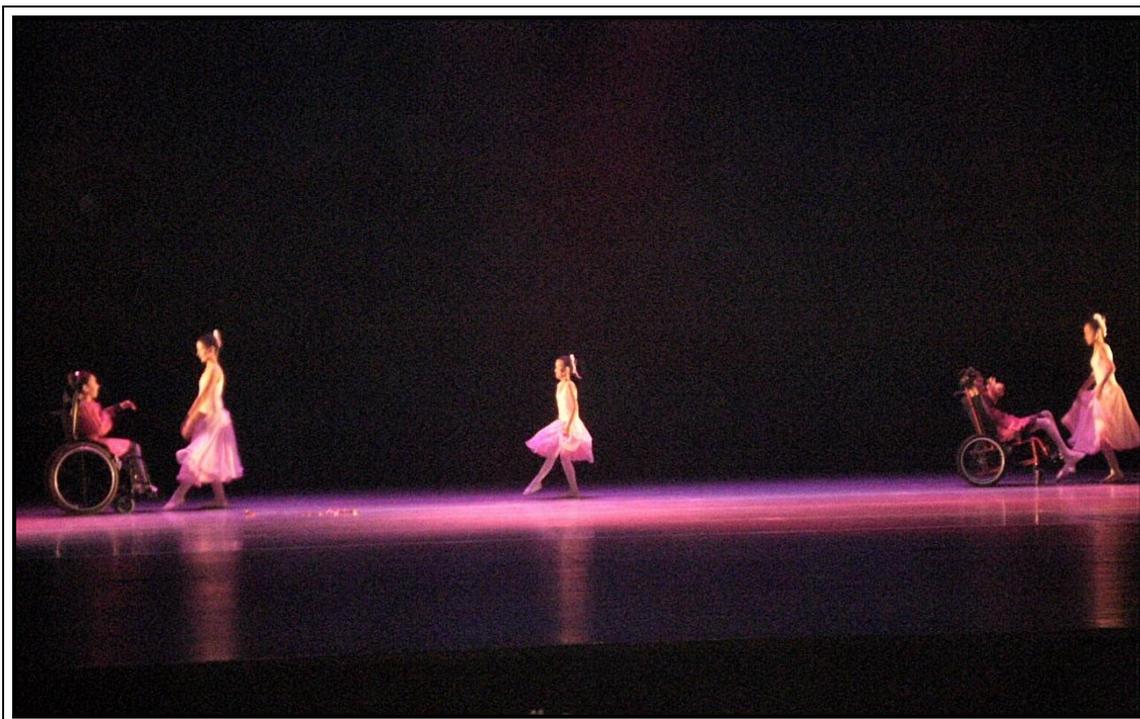


Fig. 21: Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil ocorrido no dia 20 de novembro de 2011 na cidade de Aracaju, no teatro Tobias Barreto. Fonte: Acervo Pessoal



Fig. 22: Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil ocorrido no dia 20 de novembro de 2011 na cidade de Aracaju, no teatro Tobias Barreto. Fonte: Acervo Pessoal



Fig. 23: Apresentação da V Mostra Nacional Albertina Brasil ocorrido no dia 20 de novembro de 2011 na cidade de Aracaju, no teatro Tobias Barreto. Fonte: Acervo Pessoal

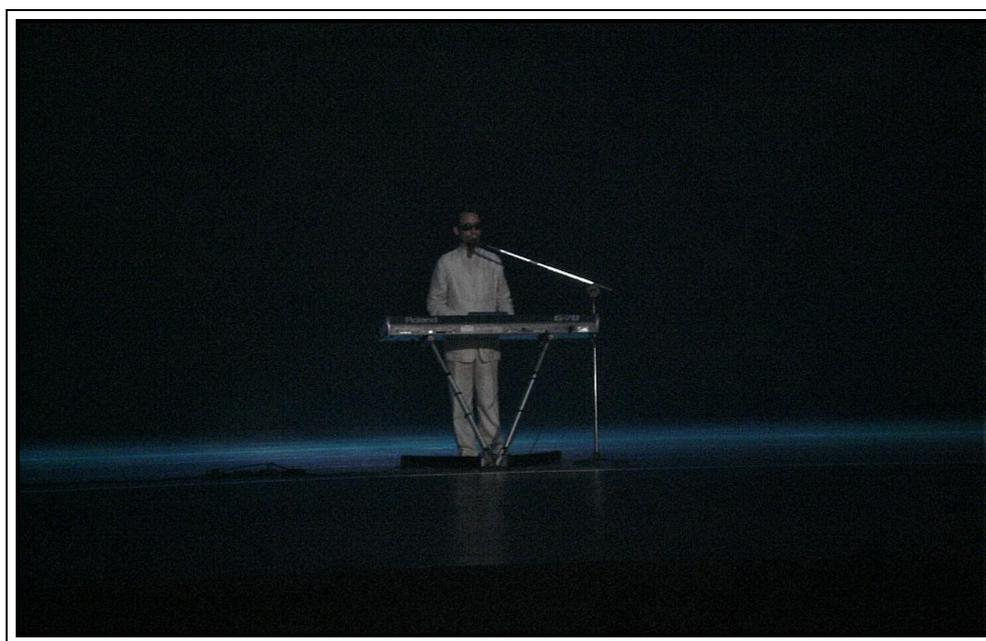


Fig. 24: Lucas Aribé, deficiente visual que trabalhou com a professora Maria Olga Andrade na SOFISE, em sua apresentação na V Mostra Nacional Albertina Brasil ocorrido no dia 20 de novembro de 2011 na cidade de Aracaju, no teatro Tobias Barreto. Fonte: Acervo Pessoal

Neste ano ocorrerá a VI Mostra Nacional de Arte Sem Barreira Albertina Brasil que acontecerá de 03 a 10 de novembro. A professora Albertina Brasil através dessa iniciativa transformou a arte em uma linguagem de superação de barreiras e de preconceitos em nossa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Peço licença à professora Maria Elisa da Cruz, para fazer uso de uma frase que a mesma disse em sua entrevista “Grandes coisas na vida só foram feitas com paixão”. Acredito que essa frase sintetiza bem a vida dessa mulher, freira, madre, professora, cidadã do mundo, Albertina Brasil Santos.

A paixão em servir, em contribuir com o desenvolvimento do outro foi à mola mestre da vida dessa professora. Essa dever que a trouxe para Sergipe, que a fez dar vida a Escola de Serviço Social dando direcionamento as jovens que por ali passavam, foi o mesmo que a seguiu até o final de sua vida.

No decorrer da pesquisa fui percebendo o quanto meu objeto teve real importância para o desenvolvimento da educação e da cultura para o Estado. Sua relação com a extensão, esse comprometimento em levar conhecimento para todos é algo que eu destaco como a grande contribuição que ela deu a sua história em Sergipe.

Dar vida a essa extensão dentro da Universidade Federal de Sergipe foi realmente um marco na história da instituição. A professora Albertina Brasil trabalhou sobre vários caminhos, como o CECAC, sendo a possibilidade do aluno estar em contato com a realidade através dos estágios fazendo a relação teoria/prática, se primeiro contato de fato com a cultura ocorreu com o FASC, fato que também posso definir como um marco que de seu imenso êxito originando o CULTART e contribuiu para o desenvolvimento da Bolsa Trabalho – Arte remunerando estudantes e grupos da comunidade com seus respectivos trabalhos relacionados à cultura.

Esses são fatos reais, que comprovam a importância dessa mulher para a UFS e para a construção de saberes como um todo, pois quantas pessoas que não faziam parte da academia tiveram acesso a palestras, conferências, ou mesmo puderam assistir apresentações de balé, exposições dentre outras, enfim com esses dados certifico a lembrança tão importante dessa personalidade.

Ela esteve envolvida em diferentes épocas, com diferentes reitores (João Cardoso do Nascimento, Luiz Bispo e José Aloísio de Campos) vivenciando as

diferentes fases dessa instituição de perto com seus problemas e dificuldades. Em minhas entrevistas não consegui colher dados relacionados às possíveis desavenças enfrentadas pela professora Albertina Brasil, pois estando sempre em cargos de liderança, opiniões diversas seriam fatos mais que normais, mas pude perceber a lembrança de suas memórias atrelada à liderança e inovação para a época.

Saindo do estado de Sergipe e sofrendo uma perda de 80% de sua visão, isso não foi suficiente para que a mesma ficasse de braços cruzados e no Rio de Janeiro se envolveu em outro projeto não menos importante foi a inclusão do artista portador de deficiência, o Very Special Arts que daria origem ao Programa Arte Sem Barreira. A professora Albertina Brasil morre engajada nessa luta e mesmo depois de morta seu nome é lembrado pelos milhares de artistas que passarem por um Festival ou por uma Mostra Nacional.

Estar em contato com essa história tão rica, tão cheia de vida foi realmente um imenso aprendizado para mim e ter contado com o auxílio de minhas entrevistadas para entender esse processo foi essencial. Por meio de suas falas fui tendo a dimensão da importância de cada gesto, cada atitude, para o desenvolvimento desse cenário. Acredito que suas falas, das entrevistadas, mostram a importância da professora Albertina Brasil, não só para o cenário sergipano, como para o cenário nacional:

“Albertina era uma mulher que vivia à frente do momento dela alguns quilômetros de anos” (SANTANA, 2012)

“Ela está além do seu tempo, anos à frente... comprometida com uma realidade social” (CRUZ, 2012)

“Albertina para mim é... o que ela fez pelos outros é o que ela queria que fizessem por ela” (ANDRADE, 2012)

Mesmo sabendo que essas são falas de pessoas que conviveram com a professora Albertina Brasil e por isso carregadas de emoção, considero o quanto a mesma teve sempre seu trabalho reconhecido por onde passou. Sua história ficará marcada na memória de todos que a conheceram e eu espero poder colaborar com a divulgação da mesma para que todos tenham dimensão de seus feitos.

Posso dizer que a partir da realização dessa monografia pude compreender o quanto é importante termos clareza, dedicação e planejamento em tudo que fazamos, sabendo onde estamos e onde desejamos chegar, assim como fez a professora Albertina Brasil que construiu a sua história superando as dificuldades de sua época para alcançar seus objetivos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ritamaria. Albertina: dínamo de coragem e liderança. In: **Trajetória e políticas do ensino de artes no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE: Brasília: FAEB, 2005.
- ALVES, João Oliva. O Festival de São Cristóvão e seus cartazes. In: OLIVA, Terezinha Alves de. CABRAL, Otávio Luiz. SOARES, Rosane Bezerra. **Uma história em cartaz FASC. Festival de Arte de São Cristóvão**. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 212.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GONÇALVES, Maria da Conceição Vasconcelos. Trajetória do Curso de Serviço Social em Sergipe: 1954 – 1982. In: **Jubileu de Ouro do Curso de Serviço Social**. Serviço Social/ (publicação do) Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe. Vol. 1, n.1. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2004.
- LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- LIMA, Solange Ferraz. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Usos sociais e historiográficas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 34 e 35.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MEC, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Estratégias e Orientações sobre Artes. Respondendo com Arte às Necessidades Especiais**. Brasília. Dezembro, 2002
- MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte: Relato Biográfico**. Aracaju – SE: J. Andrade, 2008.
- NOGUEIRA, Maria Alice. NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- PUCETTI, Roberta. Arte, Diversidade, Cidadania e Inclusão. In: **Trajetória e políticas do ensino de artes no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE: Brasília: FAEB, 2005, p. 210 e 211.

RIBEIRO FILHO, João. **Eventos Públicos e Privados:** a elaboração de políticas culturais voltadas para a elaboração da festa. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Cristóvão, 2008.

ROSA, Lenice S. Oliveira. SANTANA, Verônica de Carvalho. MOTA, Umbelina de Lima. CORREA, Sydna Santos. OLIVEIRA, Elma Gomes de. **Reconstrução Histórica da Escola de Serviço Social de Sergipe na Década de 50.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 1997.

SANTANA, Cleber de Oliveira. **O que a cegueira do tempo fez desaparecer:** fotografia e história na UFS (1968 – 1998). Monografia (Graduação em História). São Cristóvão – SE, 2000.

SANTOS, Eliana Marcos dos. GONÇALVES, Maria da Conceição Vasconcelos. CRUZ, Maria Elisa da. História do Curso de Serviço Social. In: ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares. SANTOS, Lenalda Andrade. **UFS: História dos Cursos de Graduação.** São Cristóvão, UFS, 1998.

\_\_\_\_\_. Formação Profissional do Assistente Social, Momento de (Cri) Ação. In: **Caderno UFS: Serviço Social/ Departamento de Serviço Social**, Universidade Federal de Sergipe. Fasc. 5 – São Cristóvão. Editora UFS, 2001, p. 40.

SERGIPE, Universidade Federal de. **Jubileu de Ouro do Curso de Serviço Social.** Serviço Social/ (publicação do) Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe. Vol. 1, n.1. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2004.

SILVEIRA, Jussara Maria Viana. **Da Medicina ao Magistério.** Aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão, 2008.

VIEIRA, Ottoni Balbina. **Serviço Social: Processos e Técnicas.** Rio de Janeiro. Agir Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. **História do Serviço Social:** Contribuição para a construção de sua teoria. 5 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

## **DOCUMENTOS OFICIAIS**

Carta de Albertina Brasil Santos, 30/07/76. Arquivo Central da UFS.

Discurso do reitor Luiz Bispo na Abertura do FASC em setembro de 1972, p. 2 e 3.  
Arquivo Central da UFS

Discurso da professora Albertina Brasil Santos em setembro de 1972, p.1 e 2. Arquivo Central da UFS

Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 27/03/1954, p.4. Departamento de Serviço Social (DSS).

Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969, de 27/03/1954, p. 4 e 5. Departamento de Serviço Social (DSS).

Livro de Atas do Registro da Faculdade: 1954/1969 de 13/03/54 p. 3. Departamento de Serviço Social (DSS).

Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969 de 27/03/54, p. 4 e 5. Departamento de Serviço Social (DSS).

Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969 de 01/05/54, p. 7. Departamento de Serviço Social (DSS).

Livro de Atas de Registro da Faculdade: 1954/1969 de 12/02/67, p. 80. Departamento de Serviço Social (DSS).

Regimento do CECAC, 18 de maio de 1971, p. 13. Arquivo Central da UFS.

Relatório – Coordenação de Cultura e Arte da UFS, 1976, p. 14. Arquivo Central da UFS

## **JORNAIS**

A Cruzada, 13 de fevereiro de 1954, p. 1. Ano XVIV, nº 837. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

A Cruzada, 13 de março de 1954, p. 1. Ano XVIV, nº 841. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

A Cruzada, 27 de março de 1954, p. 1. Ano XVIV, nº 843. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

Diário de Aracaju, 7 e 8 de setembro de 1972, p. 2. Ano VII, nº 2.058. Biblioteca Pública Epifânio Dória

Diário de Aracaju, 19 de janeiro de 1975, p.4. Arquivo Central da UFS

Gazeta de Sergipe, 28 de junho de 1972, p. 8. Ano XVII, nº 4.761. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

Gazeta de Sergipe, 19 de agosto de 1972, p. 1. Ano XVII, nº 4.805. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

Gazeta de Sergipe, 28 de dezembro de 1977, p. 3. Ano XVII, nº 5.914. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

Jornal da Cidade, 08 de julho de 1972, p. 1 nº110. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

Jornal da Cidade, 10 de abril de 1976, p. 1. Ano V, nº 1.204. Arquivo Central da UFS.

Tribuna de Aracaju, 24 e 25 de junho de 1977, p.4. Ano VII, nº 191. Biblioteca Pública Epifânio Dória

## FONTES ELETRÔNICAS

Ariano Suassuna. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ariano-suassuna.jhtm>>. Acesso em 03 de junho de 2012.

Arquidiocese de Goiânia. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedegoiania.org.br/site/component/content/article/34-resumo/195-dom-fernando.html>>- AcesSo em 29/01/2012

Arnaldo Rollemberg Garcez. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo\\_Garcez](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnaldo_Garcez)>. Acesso em 23 de abril de 2012.

Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência. Disponível em: <<http://fenalbertina.com.br>>. Acesso em 02 de abril de 2012

Dom Luciano Cabral Duarte. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano\\_Jos%C3%A9\\_Cabral\\_Duarte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_Jos%C3%A9_Cabral_Duarte)>. Acesso em 23 de abril de 2012

Dom Vicente Távora. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Vicente\\_T%C3%A1vora](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Vicente_T%C3%A1vora)>. AcesSo em: 29/01/2012.

Jornal da PUC – Disponível em: <[http://www.puc-campinas.edu.br/rep/imprensa/jornaldapuc/pucc\\_ed38.pdf](http://www.puc-campinas.edu.br/rep/imprensa/jornaldapuc/pucc_ed38.pdf)>. Acesso em 03 de junho de 2012

José Rollemberg Leite. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Rollemberg\\_Leite](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Rollemberg_Leite)>. Acesso em: 07/03/2012

Luiz Bispo. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=26109&titulo=cidade>>. Acesso em: 23 de abril de 2012

Maurício Graccho Cardoso. Disponível em: <[http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario\\_Armando\\_Guarana\\_set2007.pdf](http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario_Armando_Guarana_set2007.pdf)>. Acesso em 03 de junho de 2012

Missionários de Jesus Crucificado. Disponível em: <<http://www.mjc.org.br>>. Acesso em 10/12/2011

Prêmio Albertina Brasil. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/premio-arte-e-cultura-inclusiva-2011selecionara-30-iniciativas-realizadas>>. Acesso em 12 de maio de 2012.

Trajetória e políticas do ensino de artes no Brasil. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154564por.pdf>>. Acessado em 08 de Janeiro de 2012

## **DEPOIMENTOS**

ANDRADE, Maria Olga. Entrevista concedida à autora em 18/04/2012. Aracaju – SE, 2012

CRUZ, Maria Elisa da . Entrevista concedida à autora em 26/04/2012. Aracaju – SE, 2012

SANTANA, Cândida Maria Fontes de. Entrevista concedida à autora em 02/04/2012. Aracaju – SE, 2012.

# **ANEXOS**

## ANEXO I – Roteiro da Entrevista

“Educação e Cultura: aspectos desenvolvidos por Madre Albertina Brasil em Sergipe”

Nome completo: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Horário: \_\_\_\_\_

### Questionário

1 – Fale um pouco sobre a sua história, onde nasceu e qual foi sua relação com a Escola de Serviço Social?

2- Como o senhor (a) conheceu Madre Albertina?

3 – Qual era sua relação com ela?

4 – Em que ano a conheceu? E como a conheceu?

5 – Se trabalhavam juntos (as), qual era o trabalho desempenhado por vocês?

6 – Como era Madre Albertina como diretora da Escola de Serviço Social? E como professora?

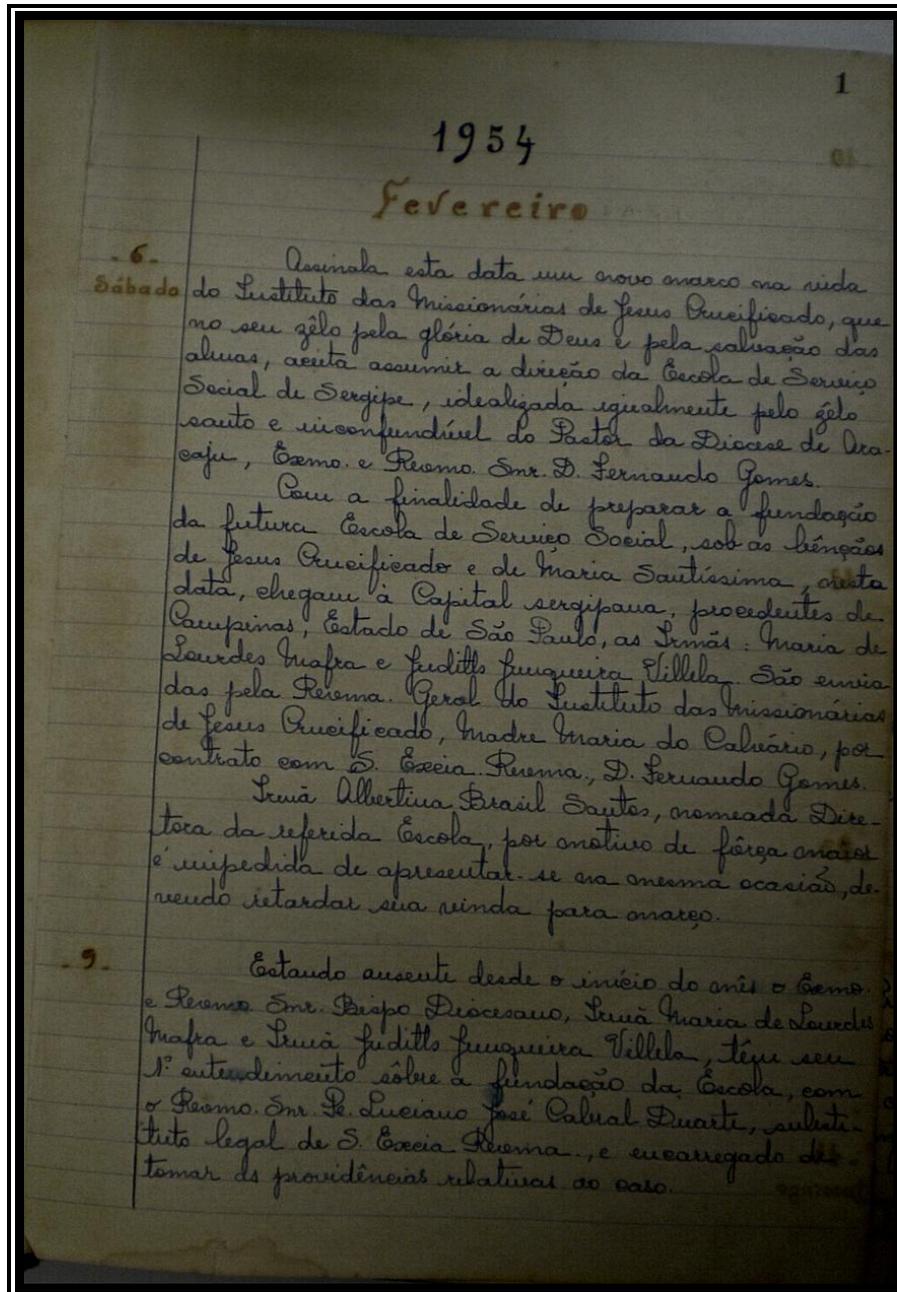
7 – O que foi o CECAC? Quando surgiu? E como Madre Albertina assumiu a direção?

8 – Como era o trabalho desempenhado no CECAC? E qual a sua finalidade ?

9 – Como era a pessoa Madre Albertina?

10 – Se pudesse defini-la como a definiria?

## Anexo II – Alguns documentos utilizados na pesquisa



Ata da Escola de Serviço Social de 1954. Fonte: DSS

27.  
Sabado

Inauguração Oficial da Escola de Serviço Social de Sergipe

"Pax huic domui..." "Paz a esta casa". Palavras sagradas, chave de ouro que abriu de par em par as portas da Escola de Serviço Social de Sergipe. Palavras proferidas pelo Excmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Fernando Gomes, à bênção do prédio. Grande número de pessoas da distinta sociedade sergipana acorreu ao local a fim de assistir à inauguração deste novo estabelecimento de ensino. Entre elas, cumpre destacar o Excmo. Sr. Governador do Estado, Arnaldo Rubeberg Garcia e Exma. Srca, D. Maria Augusta Garcia, e outras autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Após a bênção litúrgica do prédio, o Excmo. Sr. Bispo, tomando a palavra, dirigiu-se aos presentes, apresentando-lhes a nova Escola, e congratulando-se com o Estado por mais esta magnífica realização. É salientou S. Excia: "A Diocese de Aracaju sente-se feliz porque pôde trazer a bênção de Deus para a Escola de Serviço Social de Sergipe, obra que deve à compreensão, espírito de fé e energia do Excmo. Sr. Governador do Estado". "O Excmo. Sr. Governador compreendeu a urgente necessidade de se preparar pessoal habilitado para as diversas obras sociais sergipanas. Foi a razão de ser desta Escola de Serviço Social, cuja direção as Missionárias de Jesus Crucificado aceitaram, e nós, por isto lhes somos gratos". Sua Excia. Roma concluiu sua brilhante oração, congratulando-se mais uma vez com o Governador, Sr. Arnaldo Rubeberg Garcia, e apresentando-lhes as homenagens de reconhecimento e gratidão da Diocese de Aracaju.

Comou então a palavra, a Diretora da Escola,

Inauguração oficial da Escola de Serviço Social. Fonte: DSS



Manchete da Tribuna de Aracaju de 1977. Fonte: Arquivo Central da UFS



Entrevista de Albertina Brasil ao jornal da Cidade em 1979. Fonte: Arquivo Central da UFS

Coordenação de Cultura e Arte

Ofício Nº 112/76/CULTART

Araçáju, 22 de abril de 1976

Senhor Diretor,

Estamos encaminhando a V. Sa. o Plano de aplicação do Programa Bolsa Trabalho/Arte elaborado pela Coordenação de Cultura e Arte com a participação da Prof<sup>a</sup>. Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar, Prof. Clodoaldo de Alencar Filho, Prof<sup>a</sup> Maria Olga de Andrade, Prof<sup>a</sup> Albertina Brasil Santos e de 2 representantes do Diretório Central dos Estudantes, inclusive seu Presidente o acadêmico Antônio Viciira de Araujo.

Foram definidas como área de concentração:

- Teatro
- Música
- Cinema

Os planos, tanto da Universidade Federal de Sergipe quanto os individuais serão enviados na próxima semana.

Informamos a V. Sa. que, em contrapartida a U.F.S. dará as condições de local, montagem, apoio e material necessário ao bom desenvolvimento dos Grupos artísticos bem como já incluiu 2 a 3 apresentações de cada grupo no Calendário Cultural e Artístico do Estado, elaborado por esta Coordenação da UFS e que será enviado posteriormente. Encontra-se já no Setor Gráfico.

Esperando novas orientações de V. Sa. agradecemos mais uma vez o interesse demonstrado por V. Sa. às nossas modestas atividades artísticas.

Atenciosas Saudações,

  
Albertina Brasil Santos  
Coord. da CULTART UFS

Ilmo Sr.  
Dr. Raimundo José Miranda Sousa  
D.D. Diretor Geral do D.A.E.  
Ministério de Educação e Cultura (MEC) 7º andar  
BRASÍLIA - DF.  
ABG/ner.

Ofício mostrando como seria a relação do Bolsa Trabalho – Arte

**ANEXO III – Entrevistados**



**Professora Cândia Maria Fontes de Santana**





**Professora Maria Elisa da Cruz**





**Professora Maria Olga Andrade**

